



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A AMIZADE EM JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL

CATARINA ROSA DE BRITO

Orientador de Dissertação:
JOSÉ MORGADO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
GLÓRIA RAMALHO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Educacional

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor José Morgado apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestra na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer às Instituições que participaram neste estudo e a todos os que nestas trabalham por me terem recebido de forma extremamente carinhosa, permitindo a operacionalização da minha recolha de dados. Agradeço também a todos os jovens pela sua participação, colaboração e boa disposição, tornando possível a realização deste trabalho.

O meu agradecimento ao Professor José Morgado pela orientação que me proporcionou, pelo esclarecimento das minhas dúvidas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

À Professora Glória Ramalho pela compreensão e disponibilidade, como também pela sua postura tranquila e motivante em tempos de mais ansiedade.

Quero também agradecer à Professora Manuela Machado pela ajuda e apoio incondicional que me deu durante este trabalho, pela palavra de incentivo que sempre teve para comigo.

Agradeço também a todos os meus amigos, colegas e pessoas importantes na minha vida que me ajudaram o desenvolvimento de todo o trabalho, que me proporcionaram o suporte emocional para conseguir ultrapassar os obstáculos, pois sem a sua ajuda este trabalho não seria concluído.

O meu sincero obrigado a todos!

*“I’ve got some friends
Some that I hardly know,
But we have some times
I wouldn’t trade for the world.
We chase these days down with
Talks of places that we will go”*

Tim McIlrath

RESUMO

Este estudo pretendeu identificar qual o significado de amigo e de melhor amigo bem como as características principais que os jovens com deficiência intelectual consideram importantes que um amigo deva ter.

Participaram 33 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos e diagnosticados com deficiência intelectual. Os significados de amigo e melhor amigo, e quais as características principais que os jovens esperam ver num amigo foram obtidos através de uma entrevista composta por onze perguntas abertas.

Os resultados obtidos podem afirmar que os jovens caracterizam um amigo como alguém que ajuda, com quem podem falar sobre vários temas e também como alguém que faz companhia, sempre que necessário. Referem também como características comuns com o seu amigo, terem o mesmo gosto pelas actividades de lazer, serem parecidos na constituição física e amigos um do outro, isto é, confiança e apreciação mútua.

Verificámos que a maioria dos sujeitos entrevistados conheceu o seu melhor amigo numa escola/instituição de ensino especial, o que pressupõe que estes sujeitos não estejam isolados do mundo.

Deparámo-nos também que, relativamente aos obstáculos e à sua resolução, os resultados foram pouco conclusivos para conhecer realmente a existência destes, isto é, maioria dos sujeitos respondeu não ter tido nenhum problema ou discussão séria com o seu amigo.

Para além disso, consideram importante que um amigo faça companhia para conversar e nas actividades de lazer, que ajude nos momentos mais difíceis. Também referem a importância do amigo para a construção de uma elevada auto-estima.

Palavras-chave: Passagem de adolescente para jovem adulto, Importância das amizades, Deficiência intelectual.

ABSTRACT

This study sought to identify the meaning of a friend and of a best friend, and the main features that young people with intellectual disabilities consider important that a friend should have.

33 young people aged between 15 and 25 years and diagnosed with intellectual disabilities participated in this study. The meaning of a friend and best friend, and what are the main features that young people expect to see in a friend were obtained through an open-ended interview, composed by eleven questions.

The results obtained can suggest that young people characterize a friend as someone that can help, can talk about various topics and keeps company whenever necessary. Individuals with intellectual disability consider the characteristics they have in common with his friend such as having the same taste for leisure activities, being alike in physical appearance and being friends of each other. This means that they have mutual trust and appreciation.

It was found that most interviewees have known their best friend in school or special education institution, which means that these individuals are not isolated from the world.

We also found that the results were inconclusive to know the real existence of obstacles and their resolution, because most subjects said to have had no problems or serious discussions with their friend.

In addition, they consider important for a friend to make company and talk with him during leisure activities, which helps through difficult times. However, they also mention the importance that a friend has in building a high self-esteem.

Key-words: Transition from adolescent to emerging adulthood, Importance of friendship, Intellectual disability.

ÍNDICE

I – INTRODUÇÃO	1
1. Adolescência.....	2
1.1. Desenvolvimento Social	3
1.1.1. Na família.....	4
1.1.2. Com os pares.....	5
1.2. Amizade na adolescência	6
2. Transição para a idade adulta.....	8
2.1. Mudanças sociais	8
2.2. Importância dos amigos	9
3. Deficiência Intelectual	10
3.1. Terminologia e Linguagem.....	10
3.1.1. Definição e Caracterização	11
3.1.2. Perspectiva Histórica	12
3.1.3. Causas da Deficiência Intelectual	12
3.2. Relações de Amizade em Pessoas com Deficiência Intelectual	13
II – PROBLEMÁTICA, OBJECTIVOS, QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	16
III – MÉTODO	
1. Delineamento do Estudo.....	17
2. Caracterização da População e da Amostra.....	17
3. Procedimento de Recolha de Dados	18
4. Instrumento	19
5. Tratamento dos Dados	20

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	20
---------------------------------------	----

V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
-----------------------------------	----

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
---------------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
---------------------------------	----

ANEXOS

Anexo A - Amostra representada pelos seus componentes (idade, instituição, género).....	42
Anexo B - Carta de Apresentação/Pedido de Autorização enviada às Instituições	44
Anexo C - Pedido de Autorização enviado aos Pais/Encarregados de Educação	46
Anexo D - Friendship Interview de Vandell (1999).....	48
Anexo E - Friendship Quality Questionnaire de Parker e Asher (1993).....	52
Anexo F – Guião de Entrevista	55
Anexo G - Respostas dadas pelos sujeitos para cada pergunta	57
Anexo H - Tratamento das respostas dos sujeitos (Análise de Conteúdo).....	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Alterações feitas no guião de entrevista referente às questões 8, 9 e 10	19
TABELA 2 – Resultados obtidos para a pergunta 1, relativamente ao conceito de amigo.....	21
TABELA 3 – Resultados obtidos para a pergunta 4, relativamente ao conceito de melhor amigo	22
TABELA 4 – Resultados obtidos para a pergunta 3, relativamente ao espaço facilitador de relações de amizade	23
TABELA 5 – Resultados obtidos para a pergunta 6, relativamente ao espaço onde conheceram o seu melhor amigo	24
TABELA 6 – Resultados obtidos para a pergunta 7, relativamente às características que os sujeitos têm em comum com o seu melhor amigo.....	25
TABELA 7 – Resultados obtidos para a pergunta 8, relativamente aos factores que facilitam a construção de uma amizade	26
TABELA 8 – Resultados obtidos para a pergunta 9, relativamente aos factores que impedem a construção de uma amizade.....	27
TABELA 9 – Resultados obtidos para a pergunta 10, relativamente à existência de algum conflito e respectiva resolução	28
TABELA 10 – Resultados obtidos para a pergunta 2, relativamente à importância que as amizades têm para os sujeitos.....	29
TABELA 11 – Resultados obtidos para a pergunta 11, relativamente à apreciação global das amizades que construíram	30

I – INTRODUÇÃO

A partir do momento em que nascemos, estamos inseridos num mundo social e inseridos numa estrutura complexa de redes sociais que envolvem relações individuais, relações pessoais e a conjugação desse tipo de relacionamentos (família, rede social, instituições sociais e a comunidade). Deste modo, podemos afirmar que a estrutura do mundo social se altera gradualmente desde a infância, continuando pelas várias fases do desenvolvimento, nomeadamente pela adolescência e pela fase adulta.

Neste contacto com o mundo social, o sujeito estabelece ligações com pessoas e como tal há uma relação recíproca de influência, ou seja, tanto é influenciado pelos outros como também exerce influência sobre eles. Torna-se importante um entendimento e compreensão dos outros para que estas relações sociais estabelecidas sejam significativas e conduzam a um entendimento geral.

Os relacionamentos são o resultado da ligação entre as características pessoais e situacionais dos sujeitos. Estas moldam o tipo de relações que o sujeito precisa ou procura, os tipos de apoio trocados e as maneiras como estas relações são avaliadas. Podem também afectar o modo como os sujeitos iniciam, desenvolvem, mantêm e terminam os relacionamentos ao longo da sua vida.

As consequências advindas destas diferentes fases nos relacionamentos dos sujeitos tanto podem ser positivas (o sujeito ganha competências sociais adequadas para determinadas situações futuras) como negativas (compromete o seu desenvolvimento enquanto pessoa).

As amizades são um processo voluntário (Fehr, 1996; citado por Souza e Hutz, 2008) e dinâmico que se desenvolvem ao longo do tempo e se modificam conforme as etapas da vida, influenciadas por normas sociais e aspectos culturais.

Desta forma, um amigo é uma pessoa essencial na vida de todas as pessoas e esta capacidade de estabelecer uma relação de amizade é também essencial para o desenvolvimento humano, quer ao nível cognitivo quer ao nível social (Bacalhau, 2003).

O mesmo acontece nos jovens com deficiência. De acordo com Hutchison (s.d.), as razões pelas quais estes jovens precisam ou desejam ter relações de amizade são as mesmas que todos os seres humanos apontam, tais como, intimidade, afeição e companhia. É necessário ter em consideração que as amizades são um processo recíproco, isto é, numa amizade existe confiança e respeito pelos seus intervenientes, e implica voluntariado dos mesmos, pois para se considerar uma relação de amizade é necessário que os sujeitos estimem essa relação.

1. Adolescência

A adolescência é sem dúvida um período marcante na vida de uma pessoa, pois é neste momento que várias transformações, entre elas sociais, físicas e mentais, decorrem. Essas transformações, tanto positivas como negativas, vão influenciar a maneira de ser de cada um perante os outros que o rodeiam; tal como refere Silva (2004), a própria palavra adolescente significa “crescer” em latim, o que pressupõe um período de mudanças.

Em 1904, Stanley Hall foi o primeiro autor que iniciou os estudos sobre a adolescência, fase que começa aos 14 anos e termina aos 24 anos. Estes limites sofreram, contudo, alterações, considerando-se, actualmente que o início se dá aos 10 anos e o final por volta dos 18 anos (Arnett, 2007). No entanto, nem todas as grandes mudanças significativas na vida de um sujeito surgem por volta dos 18 anos, daí Hall não ter considerado esta idade como término da adolescência.

Segundo Aviana (2001), a adolescência é considerada como uma etapa da vida humana compreendida entre a infância e a idade adulta, aproximadamente entre os 12 e os 20 anos de idade. Pressupõe a passagem de uma situação de dependência infantil para a inserção social e a formação de um sistema de valores que define a idade adulta.

Esta fase começa com as transformações físicas, ou seja, com a puberdade. A puberdade é um período de crescimento físico, em que as glândulas reprodutoras originam mudanças corporais tanto no rapaz como na rapariga, dando origem aos caracteres sexuais secundários que diferenciam os sexos. No entanto, não significa apenas o desenvolvimento sexual, mas envolve também o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva e de uma identidade definida enquanto homem ou mulher (Aviana, 2001).

Deste modo, é considerado como um período de crise e/ou mudança em co-existência com dois pontos importantes: o da dependência (protecção) e o da independência (autonomia), caracterizando-se por contradições, confusões, ambivalências, conflitos com os pais e com a função parental, e de procura de identidade e autonomia (Correia e Alves, 1990; citado por Silva, 2004).

Para Bloss (1985; citado por Costa, 2004), surge uma separação entre as realidades que estavam interiorizadas no adolescente, isto é, a afirmação do eu, levando a confrontar-se com um mundo real. Este autor dá especial importância à construção da identidade sexual, ao estabelecimento de relações estáveis e ao afastamento da imagem dos pais.

Ao viverem no mundo dos seus pais, é natural que procurem formas especiais de se identificarem a si mesmos como separados e diferentes dos pais. Isto não significa que os pais

deixem de ter o papel de figuras importantes na vida dos adolescentes mas o nível de proximidade e de entusiasmo entre os pais e os seus filhos desta idade tende a diminuir (Hill, Bromel, Tyson e Flint, 2007).

Muitos adolescentes formam pequenos grupos que se tornam uma segunda família, identificam-se a si próprios como fazendo parte de um grupo e adoptam todo o tipo de ornamentos que estão na moda e que caracterizam e distinguem o grupo a que pertencem (Dunphy, 1963; Brown, 1990 citado por Gleitman, 2003).

Nesta etapa do desenvolvimento, os adolescentes sofrem de uma atitude ambivalente: por um lado são pressionados para encontrar um emprego, de certo modo para serem mais independentes face aos pais; por outro lado, em termos sociais e emocionais, espera-se que eles continuem leais e sob a supervisão dos seus pais, permanecendo em casa até casarem (Moitoza, 1982; citado por Costa, 2004).

O adolescente depara-se com alguns desafios sérios, na medida em que têm de se preparar para se tornar num indivíduo autónomo. Pode-se afirmar que a evolução psicológica do adolescente, de acordo com Almeida (1987; citado por Silva, 2004), ocorre paralelamente em quatro campos interligados: emocional, sexual, intelectual e social. Deste modo, há todo um processo em que o adolescente adquire os comportamentos e as crenças da cultura onde se insere (Arnett, 2007), ou seja, a socialização tem um papel importante durante o desenvolvimento do adolescente.

O adolescente começa a preocupar-se com a definição de si mesmo, sobre quem é, o que quer ser e fazer, qual a sua função na sociedade e quais os projectos para o seu futuro. Resumidamente, tenta dar um significado às suas experiências, no sentido de procurar uma maneira de viver mais significativa para si (Costa, 2004).

1.1. Desenvolvimento social

O interesse pelos aspectos evolutivos do desempenho social é relativamente antigo na psicologia. Praticamente todas as teorias de desenvolvimento abordam a questão da socialização e da importância das interações e relações sociais enquanto factores de saúde mental e de desenvolvimento (Silva, 2004).

Todo o processo de socialização está dependente de três momentos cruciais: a auto-regulação, a preparação de papéis e as fontes de significado (Arnett, 2007).

Assim que a puberdade flui e os jovens adquirem a sua completa estrutura e força, torna-se necessário que as culturas assegurem que estes aprendam a não prejudicar ou

desrespeitar os outros, ou seja, a auto-regularem-se. É importante, também, que os jovens ganhem alguma preparação para os papéis sociais e ocupacionais que se espera que estes tenham assim que se tornam adultos. Estas duas fases do desenvolvimento, adolescência e transição para a idade adulta, são fontes de significado fundamentais que permitem aos jovens compreenderem e apreenderem os valores e crenças existentes em cada cultura. Neste sentido, a eficácia das estratégias de coping ajudam na redução das dificuldades ambientais como também contribuem para um melhor ajuste do sujeito aos problemas que encontra. A maneira como as dificuldades são enfrentadas, influencia directamente os níveis de bem-estar psicológico. Contudo, muitas das estratégias possíveis ainda não foram completamente desenvolvidas na adolescência (Câmara e Carlotto, 2007).

1.1.1 Na Família

Nos primeiros anos da vida da criança, os pais servem como suporte emocional e social em todo o seu desenvolvimento. Assim, a família constitui o grupo determinante para as primeiras relações afectivas e sociais, pois oferece segurança durante o período de imaturidade biológica e proporciona a socialização primária e uma educação contínua, durante a infância e a adolescência.

No entanto, as relações dos adolescentes com os pais alteram-se. À medida que os adolescentes se tornam mais independentes, os relacionamentos com os pais tornam-se mais igualitários. É necessário que pais se ajustem à crescente de autonomia dos filhos, tratando-os mais como iguais (Laursen e Collins, 1994; citado por Kail, 2004). Isto significa que os adolescentes passam menos tempo com os pais, são menos afectuosos e discutem com mais frequência sobre questões de estilo, gosto e liberdade.

De acordo com Medeiros (2000; citado por Silva, 2004), uma família com filhos adolescentes passa por uma das crises normativas do seu desenvolvimento. Os pais dos adolescentes defrontam conflitos e dificuldades num processo de reafirmação da identidade semelhante ao dos filhos, embora de modo diferente.

Na década de 50, os estudos de Erikson indicam que o jovem adquire uma identidade psicossocial (Arnett, 2007), no sentido em que este precisa de entender o seu papel no mundo mas tem consciência da sua singularidade. Surge então a confusão da identidade face ao seu papel junto dos pais do grupo de pares. Há uma perda de laços familiares e falta de apoio destes no crescimento dos filhos. As expectativas parentais e sociais são divergentes relativamente à do grupo de pares. Os adolescentes apresentam dificuldades em lidar com a

mudança, ausência de laços sociais exteriores à família e insucesso no processo de separação emocional entre o jovem e as figuras de ligação.

A preocupação com as alternativas utilizadas pelos adolescentes para lidar com as situações de stress deve-se ao facto de que, neste período de desenvolvimento, os jovens estão a testar as suas possibilidades e a sua capacidade de lidar com os problemas que surgem. Tal como Câmara e Carlotto (2007) referem, este é um momento de fragilidade, especialmente num contexto sociocultural que determina os papéis apropriados para cada género, não somente no sentido de definição mais também no de adequação massiva a normas e padrões comportamentais.

Segundo Read (1976; citado por Rubin, 1982), uma situação familiar favorável permite que o sujeito se sinta mais seguro, no entanto as variadas experiências dentro da própria faixa etária em que o sujeito se encontra, favorece a tomada de consciência de si próprio e da realidade social que muitas vezes a família carece de estratégias para tal.

Neste momento, os pais terão que dar mais liberdade aos filhos para que estes possam ingressar numa nova e significativa relação com o seu grupo de pares, a qual permitirá ao jovem adquirir as competências necessárias para gerir a sua vida social. É nesta instituição dos pares que o adolescente procura as suas referências sobre normas e estatutos (Silva, 2004).

1.1.2. No grupo de pares

O relacionamento entre os jovens é extremamente fácil, havendo no entanto, um contraste entre a facilidade e a intensidade dessas relações. De uma forma geral são superficiais e fugazes; tão depressa se tratam por tu, como ignoram todas as informações e características do outro, que lhes permitiriam prolongar a relação (Silva, 2004).

A socialização do adolescente pelo grupo ou pelas relações de amizade existiu sempre e representa um passo para a sua maturidade, tal como refere Ouillon e Origlia (1974; citado por Silva, 2004), uma vez que ela conduz à sua autonomia perante a família.

Os mesmos autores referem que o papel do grupo na socialização do adolescente pode influenciar positiva e/ou negativamente. Pode-se afirmar que as relações sociais na adolescência se identificam com a procura de amigos, tendo esta grande importância para o jovem.

Portanto, é na adolescência que emergem as verdadeiras relações de amizade baseadas na intimidade, de acordo com uma maior capacidade em expressar valores como a

honestidade, descoberta de si e dos outros e até a verdade e todas as suas consequências na procura do prazer relacional. Junto de outros adolescentes encontram experiências de vida idênticas para relatar. Por isso, escolhem amigos que têm os mesmos interesses, valores, crenças e atitudes (Cordeiro, 2006). Para o estabelecimento de relacionamentos mais íntimos há factores a ter em conta nomeadamente, os aspectos da puberdade e as transformações dos impulsos sexuais, o desenvolvimento das capacidades de pensamento, especialmente no domínio do conhecimento social, e as mudanças dos papéis sociais.

1.2. Amizade na Adolescência

Antes de iniciar este tópico, é necessário fazer uma distinção entre pares e amigos, pois muitas vezes estes dois termos são considerados como tendo o mesmo significado. Por pares designam-se os sujeitos que têm características em comum com outros, por exemplo, idade, grau de escolaridade, entre outros. Com os amigos desenvolve-se uma relação valorizada e mútua. Assim, este trabalho centra-se apenas nas relações de e entre amigos.

A amizade é um relacionamento voluntário entre duas pessoas envolvendo uma ligação mútua. Tanto as crianças como os adolescentes aproximam-se de outros porque têm atitudes similares em relação à escola, aos momentos de lazer e ao futuro (Newcomb e Bagwell, 1995; citado por Kail, 2004).

No entanto, durante a adolescência, as amizades ganham uma nova e especial importância: os adolescentes acreditam que a lealdade, a confiança e a intimidade são os ingredientes essenciais da amizade. Além disso, os mesmos autores atrás referidos, acreditam que os amigos devem defender uns aos outros, não enganando ou abandonando o outro.

Sullivan (1953; citado por Costa, 2004) defende que, neste período de vida, a amizade satisfaz uma necessidade psicológica básica, comum a todos os indivíduos: a necessidade de vencer a solidão através dos amigos e, mais tarde, a intimidade.

Ter um amigo é ter alguém com quem se pode partilhar os sentimentos e os pensamentos (Berndt e Hoyle, 1985; citado por Costa, 2004), cuja ênfase é colocada na lealdade, fidelidade e no respeito pela confiança mútua.

Durante os anos da adolescência, o indivíduo desenvolve uma melhor compreensão das necessidades dos outros e tem uma maior consideração pela sociedade onde vive (Selman, 1991).

O suporte social (conforto percebido, cuidados, estima, a ajuda que uma pessoa recebe de outros) é encontrado como factor de resiliência durante os tempos de necessidade e

perigo (Sarafino, 1998; citado por Griffiths, 2001). Os sentimentos e comportamentos positivos resultantes das amizades podem ser o aumento de auto-confiança e a diminuição da solidão.

As amizades e as ligações interpessoais são importantes para todos. De acordo com Lutfiyya (1991; citado por Gordon, Feldman, Tantillo e Perrone, 2004), a amizade é um esforço recíproco que inclui a partilha de recursos (por exemplo, tempo, suporte emocional, objectos materiais). O desenvolvimento da amizade depende das oportunidades de interagir com outros, das competências sociais e interpessoais apropriadas e da capacidade para iniciar e manter a relação.

Segundo alguns estudos efectuados na adolescência (Cordeiro, 2006), o conceito de intimidade/amizade íntima pode ser estruturado em oito dimensões: sinceridade e espontaneidade; sensibilidade e conhecimento; vinculação; exclusividade; dádiva e partilha; imposição; actividades comuns; confiança e lealdade.

Os autores Firth e Rapley (1990; citado por Moore, 2005) consideram como factores importantes da amizade a companhia, a intimidade, a auto-estima, a identidade própria, a ajuda e os conselhos. Argumentam que fazer amigos no sentido de desenvolver um breve conhecimento sobre eles, exige determinadas condições, tais como, motivação, oportunidade, confiança e competências.

Tanto a amizade como a aceitação de pares podem ser consideradas indicadores do constructo social, da competência social de se relacionar com os pares, o que tem sido definido como a capacidade de alcançarem apropriadamente e com sucesso os seus objectivos interpessoais (Guralnick, 2001).

Para Youniss e Smollar (1985; citado por Souza e Hutz, 2008), a amizade assume uma importância crucial para o desenvolvimento psicológico do adolescente, assumindo simultaneamente um novo significado interpessoal. É um processo dinâmico, que se desenvolve e se modifica ao longo das etapas da vida, influenciado por normas sociais e aspectos culturais.

Todo o processo de socialização é reconhecido como condicionante na estruturação e conclusivo do processo adolescente, por ter um enorme significado a nível funcional para a sua estabilização. Assim, o adolescente atinge a sua individualidade e integração social que será uma estrutura-base na sua vida adulta (Silva, 2004).

Desta forma, o final da adolescência não pode ser caracterizado aos 18 anos pois muitos dos adolescentes ainda não experienciou uma transição significativa (Arnett, 2007). Normalmente os novos acontecimentos surgem no final da adolescência e inícios dos 20 anos,

o que está relacionado com o desenvolvimento precoce na adolescência e com as importantes implicações para os desenvolvimentos que tomam lugar na fase adulta.

2. Transição para a idade adulta

A transição para a idade adulta é um período da vida, cuja importância é relativamente recente e começou a ser objecto de interesse científico nas sociedades industrializadas. Refere-se ao período compreendido entre os 18 e os 25 anos de idade. De acordo com Arnett (2006), pode ser caracterizado como a idade de explorações de identidade, de instabilidades, de um certo egoísmo, de indecisões e de novas possibilidades.

Quando os adolescentes saem da infância e se aproximam da fase adulta, os seus relacionamentos com outras pessoas mudam (Kail, 2004). Neste momento, o principal objectivo para o jovem adulto, de acordo com Erikson (1959; citado por Arnett, 2007), é o estabelecimento de relações íntimas com outras pessoas. Contudo, existe uma vertente negativa, o isolamento, pois alguns sujeitos poderão mostrar dificuldades em estabelecer compromissos ou uma troca de afectos com intimidade.

Em sociedades industrializadas como a nossa, a transição para a idade adulta é muito mais gradual, com marcos que se referem não só a mudanças biológicas, mas também a várias aquisições educacionais e vocacionais. Os factores culturais também determinam a altura em que outros marcos do desenvolvimento são alcançados, como por exemplo, a idade em que se perde a virgindade (Gleitman, Fridlund e Reisberg, 2003).

2.1. Mudanças sociais

Grusec (2002; citado por Arnett, 2006) considera que a socialização envolve três resultados específicos: 1) o desenvolvimento da auto-regulação emocional, comportamental e do pensamento; 2) a aquisição das normas, atitudes e valores culturais; 3) o desenvolvimento de competências e estratégias para o desempenho de papéis, e resolução de conflitos e percepção de relacionamentos. Pode afirmar-se que a cultura, história e o percurso da pessoa são importantes para o processo de socialização destes novos adultos.

Os jovens em transição para a fase adulta começam a mudar os seus hábitos. Podem escolher entre viver sozinhos, com os amigos, com um grupo de colegas universitários, com um(a) companheiro(a), ou com os pais. Isto significa que as mudanças no convívio e local de habitação são mais frequentes nesta fase do que noutro período de vida (Arnett, 2006). Os

mais velhos têm conversas entre si mais elaboradas e diversificadas, o que se deve, provavelmente, ao facto de se encontrarem num nível cognitivo mais desenvolvido, e que se repercute na forma como o sujeito se coloca a si próprio e ao mundo que o rodeia (Gouveia-Pereira, Pedro, Amaral, Alves-Martins e Peixoto, 2000).

É durante esta fase de transição que os sujeitos têm mais liberdade para escolher os contextos de socialização e para construir o seu curso de vida, ou terão essa liberdade assim que entrarem num mundo como jovens adultos.

2.2. Importância dos amigos

Ao entrar para a fase adulta, a amizade é vista como um relacionamento entre pessoas que não são familiares, parentes ou parceiras sexuais, tal como é referido por Bell (1981, citado por Souza e Hutz, 2008). Nesta fase, a amizade é essencialmente caracterizada pela ausência de familiares dentro das redes de amigos.

Sendo que a amizade é um relacionamento pessoal e voluntário, Fehr (1996; citado por Souza e Hutz, 2008) refere que os jovens adultos procuram também relações de intimidade e ajuda, em que ambas as partes gostam uma da outra e procuram a sua companhia. Em sintonia com esta autora, Argyle (2001; citado por Souza e Hutz, 2008) identifica aspectos semelhantes tais como a ajuda, a utilidade e recompensa, o companheirismo e o apoio emocional.

No entanto, as relações de amizade estão sujeitas a constantes mudanças, especialmente por alterações em aspectos individuais ou na sua interacção (aspectos diádicos), como também por aquelas ocorridas à medida que se apresentam diferentes configurações situacionais ou ambientais. Os amigos podem voltar a ser conhecidos ou até mesmo tornarem-se inimigos devido a mudanças de residência, redução na frequência de contacto, competição ou ciúmes. Ao mesmo tempo, algumas amizades intensificam-se, ou seja, o amigo ocasional pode tornar-se o melhor amigo (Souza e Hutz, 2008).

As amizades entre os adultos caracterizam-se pela homogeneidade dos traços de personalidade, interesses, género, idade, estado civil, religião, etnia, escolaridade, número de amigos, duração da amizade e tipos desta. Segundo Fehr (1996; citado por Souza e Hutz, 2008), as amizades são formadas, desenvolvidas e mantidas através da relação entre quatro factores: ambientais, situacionais, individuais e diádicos.

3. Deficiência Intelectual

O conceito de pessoa com deficiência referido na Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) baseia-se numa abordagem social, onde os factores sociais e do meio são valorizados (IEFP, 2004).

Através da CIF, a incapacidade (deficiências, limitações de actividade, restrição na participação) e funcionalidade (engloba todas as funções do corpo, actividades e participação) são o resultado de interacções dinâmicas entre as condições de saúde (doença, perturbações e lesões) e factores contextuais (factores ambientais e pessoais). Deste modo, é introduzido o conceito de modelo bio-psicossocial (médico/biológico, social/interacção) e evidencia a importância da uniformização da linguagem (conceitos, metodologias) (IEFP, 2004).

3.1. Terminologia e Linguagem

Segundo o Manual de Etiqueta da Deficiência (IEFP, 2004), o termo utilizado para referir pessoas com deficiência é mesmo: “pessoas com deficiência” e não “deficientes”. Todos nós somos pessoas; “os deficientes” não constituem um grupo à parte, isto é, todos somos diferentes uns dos outros e daí ser incorrecto sermos categorizados.

Os termos médicos dizem pouco sobre a individualidade das pessoas e tendem a reforçar os estereótipos das pessoas com deficiência como doentes, impotentes, totalmente dependentes da medicina e dos profissionais da saúde. Referir uma pessoa em termos da sua deficiência é simultaneamente estigmatizante e impreciso, nada acrescentando sobre as suas características, os seus pontos fortes e fracos e sobre a natureza do programa de intervenção a definir. É importante que, em vez de se utilizar o termo “deficiente mental”, por exemplo, se utilize o termo pessoa com deficiência intelectual (IEFP, 2004) e, simultaneamente, se descreva de forma abrangente as suas competências e desempenhos.

É necessário perceber que ter uma doença mental não é o mesmo que ter uma deficiência intelectual. As pessoas com problemas de saúde mental podem experienciar níveis de angústia e confusão que dificultam as suas actividades diárias.

Dito isto, em todo este trabalho será referida a pessoa ou o sujeito com deficiência intelectual e não com deficiência mental.

3.1.1. Definição e caracterização

A definição de deficiência intelectual é ainda hoje um campo em que divergem autores e organismos científicos, embora existam pontos de convergência (Vieira e Pereira, 2007).

Em 1992, a *American Association on Mental Retardation* caracteriza a deficiência intelectual como um funcionamento intelectual significativamente inferior à média (obtido pelo QI), que ocorre juntamente com limitações associadas a duas ou mais das seguintes áreas de capacidades adaptativas possíveis: comunicação, cuidado pessoal, vida doméstica, habilidades sociais, utilização da comunidade, saúde e segurança, habilidades académicas funcionais, lazer e trabalho (Vieira e Pereira, 2007).

Os sistemas classificativos das perturbações do desenvolvimento propostos pela Organização Mundial de Saúde (CID-10, 1993) e pela *American Psychiatric Association* (DSM-IV-TR, 2002) ainda propõem uma classificação da deficiência intelectual com base na Psicometria:

- Ligeira (QI entre 50 e 69);
- Moderada (QI entre 35 e 49);
- Grave (QI entre 20 e 34);
- Profunda (QI inferior a 20).

A deficiência intelectual manifesta-se antes dos 18 anos (Coll, Marchesi e Palácios, 2004) e, na maioria dos casos, continua até à idade adulta.

Segundo a OMS, a deficiência intelectual é definida como um desenvolvimento incompleto ou insuficiente das capacidades mentais. Manifesta sempre um atraso global em todos os aspectos do desenvolvimento (Andrada, Levy e Feijóo, 1981).

As circunstâncias de vida de uma pessoa com deficiência intelectual têm mudado marcadamente ao longo dos 10 anos (Brown, 1995; citado por Jobling, Moni e Nolan, 2000). Através da desinstitucionalização, da melhoria na saúde e da participação da comunidade, os sujeitos com deficiência intelectual beneficiam de maiores oportunidades num conjunto de circunstâncias independentes.

Zazzo et al. (1979; citado por Bairrão, 1981) refere que a debilidade é a primeira zona de insuficiência mental, relativa às exigências da sociedade (variáveis de uma sociedade para outra, de uma idade para outra), cujos determinantes são biológicos (normais ou patológicos) e cujos efeitos são irreversíveis no estado actual dos nossos conhecimentos (relativamente às debilidades ligeiras).

De acordo com Lucas (1981), o conceito de deficiência intelectual articula-se com o de eficiência e ineficiência mental. Significa que está ligado a um estado prevalecente de ineficiência mental, isto é, de um resultado inferior à média através de observações ou de medidas feitas a uma dada população tomada como padrão (os valores superiores à média corresponderão a níveis de eficiência). Neste sentido, a eficiência refere-se à optimização da articulação entre os elementos de um todo em ordem à realização dos seus objectivos. É uma noção de gestão que se pode aplicar à sociedade, à organização, ao grupo ou ao indivíduo, a qualquer sistema ou estrutura.

3.1.2. Perspectiva Histórica

Desde 1921 que a *American Association on Mental Retardation* (AAMR) tomou a responsabilidade pela definição do critério de diagnóstico da deficiência intelectual. Devido às mudanças nas perspectivas clínicas e às novas descobertas científicas, a definição de deficiência intelectual já sofreu algumas alterações nos últimos 100 anos.

Segundo Grossman (1977; citado por Bairrão, 1981), existem quatro níveis de deficiência intelectual baseados nos critérios educacional e psicométrico:

- Ligeiro (indivíduos que são educáveis do ponto de vista escolar);
- Moderado (indivíduos que se consideram treináveis);
- Severo (indivíduos incluídos na designação de dependentes);
- Profundo (indivíduos que necessitam de grande apoio, não autónomos).

De acordo com a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget, a pessoa com deficiência intelectual permanece num dos estádios de desenvolvimento ou evolui muito devagar, em comparação aos sujeitos ditos normais. Pelo modelo psicométrico de Binet, existem indivíduos que cognitivamente não ascendem ao pensamento ou às operações concretas, nem ao nível da linguagem falada; outros permanecem numa fase de pensamento concreto, existindo, ainda, em outros que, com alguma dificuldade, atingem um nível pré-formal (Bairrão, 1981).

3.1.3. Causas da Deficiência Intelectual

A severidade dos sintomas e a idade com que aparecem dependem da causa.

Segundo Bairrão (1981), as características da deficiência intelectual são baseadas em modelos teóricos, resultados de testes (constructos) ou em características e descrições do

comportamento. A classificação comportamental é feita através da inteligência (medição) e do comportamento adaptativo (avaliação).

As deficiências intelectuais graves de causa orgânica estão na sua grande maioria ligadas a factores genéticos. Para além disto, os determinantes sócio-emocionais e escolares estão na base de inúmeros casos de deficiência intelectual.

As causas do atraso mental podem ser diferentes de acordo com o grau de deficiência, sendo provavelmente os casos de deficiência mais ligeira, dependentes de uma possível combinação poligenética desfavorável e de factores ambientais adversos e os casos mais graves dependentes de factores mais específicos, como por exemplo, uma anomalia cromossómica, um defeito genético específico, uma embriopatia, fetopatia ou sequelas de lesões perinatais ou pós-natais (Andrada, Levy e Feijóo, 1981).

Num estudo com crianças no Departamento de Desenvolvimento do *Children's Hospital Medical Center* de Boston, referido por Andrada, Levy e Feijóo (1981), verificou-se as seguintes etiologias:

- Causas hereditárias (3%);
- Alterações precoces do desenvolvimento embrionário (33%);
- Morbilidade perinatal (12%);
- Doenças adquiridas na infância (4%);
- Factores psicossociais (19%);
- Causa desconhecida (28%).

As pessoas com deficiência mental apresentam um atraso, uma imaturidade evolutiva e um défice mental, associadas a características que não são de inteligência ou de estilo cognitivo, mas a padrões de comportamento, isto é, da sua própria personalidade (Coll, Marchesi e Palacios, 2004). O traço mais visível é, de facto, a rigidez comportamental.

3.2. Relações de Amizade em Pessoas com Deficiência Intelectual

As pessoas com deficiência têm as mesmas necessidades que as pessoas sem deficiência no que toca ao convívio social e sexual, à vivência em meios sociais e físicos que permitam esse tipo de relacionamentos (Artigo 44º da Carta para os Anos 80; citado por Vieira e Pereira, 2007).

O relacionamento de pessoas com deficiência baseia-se nos mesmos princípios de relacionamento das pessoas em geral: respeito, honestidade e compreensão. Apenas deve-se ter em consideração que a pessoa pode levar mais tempo a exprimir-se, da mesma forma que

um indivíduo sem qualquer tipo de deficiência pode necessitar de mais tempo para se expressar numa língua estrangeira.

De tal modo que a verdadeira socialização, em todos os seus níveis, exige construções cognitivas e a compreensão da relação com o outro (Gomes, Fernandes, Batista, Salustiano, Mantoan e Figueiredo, 2007).

Como refere Duvdevany (2008), muitas das pessoas com deficiência intelectual sofrem de solidão, tédio e ansiedade provocados pela abundância de tempo livre não estruturado e pela ausência de conhecimento e competências necessárias para a participação em tempos de lazer. Estas pessoas tendem a participar menos em actividades de lazer e possuem poucas competências para a interacção social e auto-determinação. A falta de competências sociais é a razão pela qual as pessoas com deficiência têm uma vida socialmente isolada.

Contudo, actualmente existem variadas instituições que são compostas por unidades de CAO, ou seja, têm um centro de actividades ocupacionais com o intuito de fornecer aos sujeitos com deficiência uma experiência profissional adequada às suas competências e uma oportunidade de alargar as suas redes sociais. Segundo Ramón e Gelabert (2008), os sujeitos com deficiência precisam realmente de ajuda e apoios de qualidade, com base na integração na sociedade a fim de evitar que estes apoios se tornem uma fonte de segregação e marginalização. Estes apoios, que ajudam a ultrapassar os obstáculos que impedem a sua participação em pé de igualdade, devem estar disponíveis sob a forma de uma resposta social e normalizada.

Para os sujeitos com deficiência intelectual, as amizades podem ser limitadas. Muitos dos “amigos” de alguns sujeitos são “acompanhantes” pagos, pessoas que estabelecem com eles contactos irregulares, ou são ajudantes que organizam programas ou actividades direccionados para a família em vez de serem para os seus pares. No entanto, estas interacções oferecem oportunidades para o treino de competências sociais, para ajudar a promover comportamentos e respostas apropriados (Jobling, Moni e Nolan, 2000), pois considera-se que estes sujeitos apresentam dificuldades em desenvolver uma compreensão das emoções relacionadas ou normativas de experiências do meio.

Os adolescentes com deficiências ligeiras avaliam as qualidades da amizade como compostas por atitudes de ajuda, devoção e suporte de um amigo (Camerer e Smith, 1993; citado por Heiman, 2000).

Os amigos parecem ter um papel de assistência aos sujeitos com deficiência intelectual para lidar com as situações de stress, tais como, as expectativas familiares,

decisões de trabalho e desenvolvimento de identidade própria (Rickwood e d’Espaignet, 1996; citado por Jobling, Moni e Nolan, 2000).

Tal como Cook (2001) refere, existem três passos para o sucesso das amizades de pessoas com deficiência intelectual: 1) encontrar oportunidades (necessitam de facilitadores – pais, professores, familiares, técnicos – que ajudem o sujeito a participar em actividades com os seus pares); 2) interpretação (estes facilitadores devem ter uma atitude positiva face às qualidades/forças do sujeito e ajudar os pares a reconhecerem as qualidades positivas dele); e 3) acomodação (necessário para permitir o desenvolvimento de amizades).

Estas amizades podem surgir de várias formas mas têm em comum a estruturação de um contexto físico adequado para que o sujeito com deficiência não se sinta excluído das actividades.

De acordo com Fehr (1996) e Argyle (2001) uma característica que define a amizade é o voluntariado. Os amigos escolhem estar juntos na ausência de obrigação. As pessoas que se tornam amigos de outras com esta deficiência focam-se nas suas qualidades positivas, isto é, estas relações são descritas como recíprocas (citado por Souza e Hutz, 2008).

Assim, as pessoas com deficiência querem e precisam do mesmo que os jovens sem deficiência: de um amigo (alguém com quem falar, com quem partilhar coisas importantes); de uma certa dose de carinho (alguém para tocar, alguém que através de um gesto diga “gosto de ti”); de aprovação (alguma mensagem de outras pessoas que lhe digam “tu és simpático”); de afeição (amor e um sentimento de que são amados, não quer dizer necessariamente sexo); de dignidade (alguma comunicação por parte de terceiros, dizendo que são pessoas de valor); de formas de “vazão” social (a fim de evitar a solidão) e de satisfação sexual (a necessidade biológica de contacto sexual e estimulação).

II – PROBLEMÁTICA, OBJECTIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Sabe-se que vários trabalhos e estudos (Cordeiro, 2006; Buysse, Goldman e Skinner, 2002; Cook, 2001; Parker e Asher, 1993) sobre as questões da amizade são maioritariamente realizados com crianças em idade escolar e em adolescentes, referido no impacto que a amizade tem no desenvolvimento destes, no sentido em que:

“Os amigos são proporcionadores de segurança, padrões de relação aos quais nos podemos medir, parceiros de actividades em que não podemos actuar sozinhos, guias para lugares não familiares, aprendizes que nos confirmam o nosso próprio sentido, em desenvolvimento, em competência e em especialização.” (Rubin, 1982, p. 90).

Relativamente aos sujeitos com deficiência, a preocupação está na qualidade de vida e na inclusão destes em escolas de ensino regular, caso sejam menores de idade, ou em postos de trabalho, quando já possuem competências adequadas para exercer determinada acção.

De acordo com o que foi referido, um dos objectivos deste trabalho visa conhecer quais são as características que um amigo deve ter para um sujeito com deficiência.

No entanto, alguns dos trabalhos realizados (Duvdevany, 2008; Jobling, Moni e Nolan, 2000) inferem que muitos sujeitos com deficiência carecem de fortes redes de amizade e de suporte. Apesar de estarem inseridos numa instituição, sentem-se isolados e sozinhos e sem relacionamentos com pessoas ditas normais (McKnight, 1989; Perske, 1988; Taylor e Bogdan, 1989; citado por Hutchison, s.d.).

Outro objectivo pretendido com este trabalho é verificar se, de facto, estes sujeitos estabelecem algum tipo de relacionamento com os técnicos/assistentes da instituição a que pertencem.

De acordo com o que foi referido anteriormente, este estudo centra-se nas relações de amizade entre adolescentes e jovens adultos com deficiência intelectual. Sendo assim, as questões de investigação pertinentes para este estudo são:

- 1) Como percebem os jovens com deficiência intelectual o conceito de amizade?
- 2) Que critérios usam os sujeitos com deficiência intelectual para estabelecer relações de amizade?

- 3) Quais são os obstáculos à amizade vividos pelos sujeitos que têm deficiência intelectual?
- 4) Como apreciam os jovens com deficiência intelectual a existência de amigos?

III – MÉTODO

1. Delineamento do Estudo

Neste capítulo, pretende-se mostrar a forma como o estudo está organizado. Assim sendo, vai ser apresentado o tipo de instrumento utilizado, a amostra escolhida para este trabalho e, posteriormente, a análise realizada aos dados recolhidos.

Trata-se de um estudo exploratório pois procura conhecer melhor os fenómenos implicados através de novas questões sobre as características dos acontecimentos ou situações. Com este tipo de estudo tenta-se explorar uma determinada realidade que pouco se conhece sobre ela (Robson, 1990; citado por D'Oliveira, 2002). Deste modo, pretende-se conhecer quais as concepções que o jovem com deficiência intelectual tem acerca das amizades, quais as principais características que esperam ver no amigo, quais os obstáculos sentidos e o que apreciam numa amizade.

Para a recolha dos dados, o investigador estabeleceu um contacto directo com as pessoas, contextos e fenómenos a estudar, assumindo um papel activo em toda a investigação e centrando-se nos processos e fenómenos como um todo. Os dados foram recolhidos do contexto natural, devidamente registados e, por último, o desenho da investigação foi flexível, de modo a permitir alterações consideradas necessárias (Tuckman, 2000).

Sendo assim, a abordagem qualitativa tenta englobar toda a diversidade que o comportamento humano pode assumir e manifestar (D'Oliveira, 2002).

2. Caracterização da População e da Amostra

O objectivo de cada investigação é encontrar dados relevantes referentes ao assunto em questão, contribuindo para uma melhor compreensão do problema.

De acordo com Almeida e Freire (1997), a possibilidade dos dados serem encontrados passa pela qualidade das amostras. A selecção é um aspecto fundamental de toda e qualquer investigação.

A população sobre a qual incide este estudo é constituída por um conjunto de elementos que têm entre si uma ou várias características em comum. Neste caso, são sujeitos

com deficiência intelectual que estejam inscritos em instituições de Ensino Especial da região de Lisboa e Vale do Tejo.

Das 7 instituições contactadas durante este trabalho, 4 responderam ao pedido de autorização para a recolha de dados, das quais participaram: 14 sujeitos da Instituição 1, 11 sujeitos da Instituição 2, 5 sujeitos da Instituição 3 e 3 sujeitos da Instituição 4 (Anexo A).

Sendo assim, a amostra deste estudo é composta por 33 sujeitos com deficiência intelectual, ligeira a moderada, com as idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos de idade, 21 dos quais são do sexo Masculino e 12 são do sexo Feminino.

3. Procedimento de Recolha de Dados

Num primeiro momento, foi efectuado o contacto com algumas instituições de ensino especial, na região de Lisboa e Vale do Tejo com o intuito de obter autorização para a recolha de dados nessas mesmas instituições. A entrega dos pedidos de autorização (Anexo B) foi feita pessoalmente e/ou através de correio electrónico.

Depois de ter sido enviado o pedido de autorização, foi marcada uma reunião para melhor conhecimento da população, dos objectivos e metodologias do presente trabalho, isto é, saber se a instituição tem sujeitos com deficiência intelectual dispostos a participar, saber quais as condições necessárias para a recolha de dados e saber qual o dia mais indicado para tal. Posteriormente, também foram enviados pedidos de autorização aos pais/encarregados de educação pelo facto de ser necessário o uso de um gravador, durante as entrevistas (Anexo C).

As entrevistas foram feitas individualmente e num espaço próprio, propício a poucas interferências. Algumas destas entrevistas tiveram a presença do técnico da instituição como factor de segurança para os jovens, isto é, só se sentiriam mais à vontade para responder na presença deste.

Em toda a fase de entrevista, as perguntas foram lidas de forma clara, pois como os participantes têm deficiência intelectual, necessitam de mais tempo para responderem às questões. Outro aspecto considerado, no sentido de obter uma resposta directa dos participantes, foi evitar interpretações e/ou correcções das respostas destes. Se o sujeito não se sente confortável para responder a determinada pergunta, deve dizer-se “está tudo bem” e passa-se para a pergunta seguinte.

Este guião de entrevista foi construído para demorar um tempo máximo de 10 minutos, no entanto não há tempo limite, isto é, o participante está à vontade para demorar o tempo que for preciso.

4. Instrumento

As entrevistas oferecem uma certa individualidade e complexidade em comparação com os questionários (Arnett, 2007). Permite ouvir as descrições dos sujeitos pelas suas próprias palavras, conhecer a pessoa no seu todo e ver as várias partes da vida do sujeito interligadas. As entrevistas oferecem dados qualitativos que podem ser interessantes e informativos.

A partir de dois instrumentos ingleses sobre amizade, *Friendship Interview* de Vandell (1999; Anexo D) e o *Friendship Quality Questionnaire* de Parker e Asher (1993; Anexo E), foi criado um pequeno guião de 11 perguntas (Anexo F) referentes ao conceito de amizade e ao que este implica, ou seja, a definição de amigo, os contextos para estabelecer amigos, a frequência com que está com os amigos e as características em comum.

A construção deste guião, para além de ter tido estes dois instrumentos como referência, partiu de um estudo qualitativo realizado por Hutchison (s.d.), relativamente às relações de amizade entre jovens com deficiência intelectual.

As questões foram organizadas de maneira a que os participantes respondessem livremente sem limites de palavras; isto significa que as questões são de tipo aberto para se obter uma maior diversidade de informação.

Durante o momento das entrevistas, foi-se verificando que determinadas questões levantavam dificuldades de compreensão nos participantes. Das onze questões, três (questões 8, 9 e 10) foram reformuladas da seguinte forma:

Alterações feitas nas questões do guião de entrevista		
Questão 8	<i>Quais são os factores que facilitam a construção de uma amizade?</i>	<i>Para construir uma amizade, o que é preciso?</i>
Questão 9	<i>Quais são os factores que impedem a construção de uma amizade?</i>	<i>O que não ajuda na construção de uma amizade?</i>
Questão 10	<i>Quando surge algum problema, como o resolvem?</i>	<i>Já tiveram algum problema? Se sim, como resolveram?</i>

Tabela 1 – Alterações feitas no guião de entrevista referente às questões 8, 9 e 10.

5. Tratamento dos Dados

As respostas referentes a cada pergunta (Anexo G) do guião de entrevista foram tratadas e analisadas conjuntamente. Isto significa que para cada pergunta, foram criados vários tópicos ou categorias, simplificando a sua interpretação.

Com os dados recolhidos das entrevistas realizadas, foi feita uma análise qualitativa através da análise de conteúdo a todas as respostas obtidas, com o intuito de organizá-las em categorias. Este processo, a categorização, classifica todos os elementos constitutivos de um conjunto através diferenciação e, posteriormente reagrupa-os segundo o seu sentido, por critérios previamente definidos. Segundo Bardin (1979), as categorias são classes que reúnem um grupo de elementos sob um tema genérico e podem ser agrupados pelo campo semântico, sintáctico, léxico e expressivo desses elementos. No entanto, para este trabalho, o critério de categorização a utilizar é a categorização por léxico pois classifica as palavras pelo seu sentido, pela associação de sinónimos e de sentidos próximos.

Depois de as respostas serem repartidas em categorias, será estruturado um padrão de resposta neste estudo que permita uma representação simplificada dos dados brutos (Bardin, 1979).

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Toda a análise das respostas obtidas (Anexo H) neste trabalho foi feita consoante a questão de investigação pressuposta.

Questão de Investigação 1 - Como percebem os jovens com deficiência intelectual o conceito de amizade?

De acordo com a primeira questão de investigação, o conceito de amigo pode ser verificado nas seguintes perguntas do guião de entrevista:

1 - O que é ser amigo?

4 - O que é um melhor amigo?

5 - Tens um melhor amigo?

Para a pergunta 1 - “O que é ser amigo?”, referente ao conceito de amigo, os resultados obtidos foram:

Tema: Conceito de Amigo				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Actividades	Lazer	<i>“Brincam, fazem jogos, fazem corridas, apanhadas”</i>	12	36,3%
	Trabalho	<i>“É um colega, trabalha comigo, fazemos peças”</i>	4	12%
Suporte de um Amigo	Ajuda	<i>“É ajudar os outros”</i>	15	45,4%
	Companhia	<i>“Estamos juntos”</i>	9	27,2%
	Troca de Afectos	<i>“Dar abraços e festinhas”</i>	7	21,2%
	Desabafar	<i>“Falar, desabafar, contar todos os meus problemas”</i>	11	33,3%
	Ser de Confiança	<i>“Não é qualquer pessoa que é amigo de outra”</i>	2	6%
Apreciação de um Amigo	-	<i>“Gosta de mim”</i>	5	15%

Tabela 2 – Resultados obtidos para a pergunta 1, relativamente ao conceito de amigo.

Para o primeiro tema abordado neste trabalho, “o que é ser amigo” pode-se verificar que a pessoa considerada como amigo é aquele que ajuda o outro (45,4%), que *“de várias formas ajuda nos bons e maus momentos”* (sujeito 19) e que dá *“sempre apoio também”* (sujeito 5). Os sujeitos com deficiência intelectual referem também a importância de um amigo estar presente em momentos de lazer (36,3%). Como o sujeito 23 indica, *“um amigo é jogar à bola, jogar às escondidas, várias coisas, pode jogar computador”*. É de salientar que estes sujeitos consideram também como importante a existência de alguém para desabafar (33,3%), como é o caso do sujeito 14, *“é relações para conversarmos da vida, das pessoas, de sentimentos também”*. Nesta pergunta, o amigo ser de confiança (6%) foi menos referido pelos sujeitos, sugerindo que estes apresentam uma maior preferência por alguém que faça companhia para os vários momentos diários.

No que diz respeito ao conceito de melhor amigo (pergunta 4), os sujeitos responderam:

Tema: Conceito de Melhor Amigo				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Actividades	Lazer	<i>“É termos a liberdade de jogar futebol, jogar computador, estas coisas”</i>	8	24,2%
	Trabalho	<i>“Fazemos peças, trabalhamos juntos”</i>	5	15%
Suporte de um Amigo	Ajuda	<i>“Dá apoio em todos os aspectos”</i>	8	24,2%
	Companhia	<i>“É com ele que estou sempre”</i>	5	15%
	Desabafar	<i>“Nós falamos com ele, podemos isso tudo”</i>	9	27,2%
	Ser de Confiança	<i>“É uma pessoa que a gente confia muito nela”</i>	7	21,2%
Duração da Amizade	-	<i>“Já o conheço há muito tempo”</i>	3	9%
Apreciação de um Amigo	-	<i>“Gosta de mim”</i>	9	27,2%
Igual ao (conceito de) Amigo	-	<i>“Acho que é a mesma coisa que um amigo”</i>	3	9%

Tabela 3 – Resultados obtidos para a pergunta 4, relativamente ao conceito de melhor amigo.

Os sujeitos com deficiência intelectual consideram como melhor amigo aquela pessoa com quem podem desabafar (27,2%), que *“gosta de falar comigo, respeitar, falar com outra pessoa”* (sujeito 27) e também consideram importante que o melhor amigo nutra sentimentos por ele, que gostem do amigo (27,2%). Da mesma maneira que o melhor amigo deve estar presente nas actividades de lazer (24,2%), também deve ajudar em todas as ocasiões (24,2%), tal como refere o sujeito 31 *“brincar às vezes com ele, ajuda-me”*, respectivamente. É de assinalar também que poucos foram os participantes que consideraram o conceito de “melhor amigo” com o mesmo significado que um amigo (9%).

Na pergunta 5, o que se pretendia verificar era se os jovens com deficiência intelectual tinham uma pessoa em quem podiam confiar, denominada de melhor amigo. Dito

isto, os resultados foram: 27 referem que têm um melhor amigo enquanto que 6 sujeitos referem ter apenas alguém com quem se dão melhor, ou seja, assemelha-se à figura de um melhor amigo.

Questão de Investigação 2 - Que critérios usam os sujeitos com deficiência intelectual para estabelecer relações de amizade?

No sentido de obter informações relevantes sobre os critérios esperados pelos jovens com deficiência intelectual, foram organizadas as seguintes perguntas:

3 - Onde passas mais tempo com os teus amigos?

6 - Como/onde conhecestes o teu melhor amigo?

7 - Quais são as características que tens em comum com esse teu amigo?

8 - Quais são os factores que facilitam a construção de uma amizade?

Relativamente ao espaço onde as relações de amizade decorrem (pergunta 3), os sujeitos responderam que:

Categorias	Exemplos	n	N=33 %
Escola	<i>“Onde passo mais tempo é agora na escola”</i>	24	72,7%
Zona de Residência	<i>“ (...) só em Lisboa porque estou com o meu pai ao fim de semana”</i>	7	21,2%
Casa do Amigo	<i>“Às vezes vou para Setúbal e vou ter com os meus amigos a Palmela”</i>	4	12%
Outros	<i>“No café e no fórum”</i>	10	30,3%

Tabela 4 – Resultados obtidos para a pergunta 3, relativamente ao espaço facilitador de relações de amizade.

Relativamente ao local onde os sujeitos passam mais tempo com os seus amigos, podemos verificar que o espaço mais vezes referido é a escola onde actualmente estão inscritos (72,7%), tal como indica o sujeito 27, *“aqui no CAO, no refeitório, às vezes nas actividades”*, isto significa que o contexto escolar em que estes sujeitos estão integrados é

favorável ao estabelecimento de amizades. No entanto também socializam noutros locais (30,3%), como por exemplo, “*na rua assim a passear*” referido pelo sujeito 19.

E no que diz respeito ao local onde conheceram o melhor amigo (pergunta 6), os sujeitos responderam:

Categorias	Exemplos	n	N=33 %
Escola Actual	“ <i>Conheci-o aqui na escola, é de outra área, engenharia</i> ”	15	45,5%
Infância	“ <i>Eu sou de Cabo Verde, conheci-o lá</i> ”	5	15%
Escola Antiga	“ <i>Conheci-o no Zazzo</i> ”	8	24,2%
Outros	“ <i>Conheci através da internet, há uns anos atrás</i> ”	5	15%

Tabela 5 – Resultados obtidos para a pergunta 6, relativamente ao espaço onde conheceram o seu melhor amigo.

De facto, e complementando com os resultados obtidos na tabela anterior, o local onde os sujeitos conheceram o seu melhor amigo é também na escola onde actualmente estão (45,4%). No entanto, alguns dos sujeitos entrevistados (15%) referem que conheceu o melhor amigo na escola antiga e que, actualmente, continuam amigos. Esta escola referida como antiga é, na maioria das vezes, uma escola de ensino regular onde os sujeitos estiveram até uma determinada idade. Posteriormente, são inscritos numa escola ou instituição de ensino especial com cursos de formação profissional adequados para os sujeitos com deficiência.

Outros 15% dos entrevistados responderam ter conhecido o seu melhor amigo, por exemplo, “*quando éramos pequenos, há bastante tempo*” (sujeito 2), isto é, conseguem manter a sua amizade desde os tempos de infância até aos dias de hoje. Apesar de ser uma pequena percentagem, o facto de já se conhecerem há bastante tempo, pode ser considerado como um factor que facilita a aquisição de novas competências sociais.

De acordo com a pergunta 7, as características que os sujeitos têm em comum com os seus amigos são:

Tema: Compatibilidade com o Amigo				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Sim	Actividades de Lazer	<i>“A gente gosta os dois de dançar, de divertir, de falar”</i>	20	60,6%
	Trabalho	<i>“Gostamos de ir ao banco alimentar”</i>	3	9%
	Características Físicas	<i>“As pessoas perguntarem se nós éramos irmãos e eu dizia que não. Éramos muito parecidos”</i>	9	27,2%
	Características Pessoais	<i>“Simpático, brincalhão”</i>	6	18%
	Relacionamento	<i>“Somos amigos, temos amizade”</i>	8	24,2%
	Ser de Confiança	<i>“Falamos sobre segredos, sobre namorados, essas coisas”</i>	8	24,2%
Não	-	<i>“Não temos nada parecido (...) mesmo de personalidade, não temos nada de parecido”</i>	8	24,2%

Tabela 6 – Resultados obtidos para a pergunta 7, relativamente às características que os sujeitos têm em comum com o seu melhor amigo.

Mais de metade da amostra (60,6%) refere uma compatibilidade com o melhor amigo nas actividades de lazer, ou seja, os sujeitos e os seus amigos respectivamente, apreciam as mesmas músicas (*“tem o mesmo género de música que eu”* - sujeito 32), jogos (*“gostamos de fazer em conjunto jogos”* - sujeito 27), actividades (*“gostamos de dançar as duas uma com a outra”* - sujeito 24), entre outros.

Contudo, é de salientar que alguns sujeitos entrevistados dizem não ter nada de parecido (*“as músicas que eu gosto, ela não gosta”* - sujeito 31) ou desconhecem as características (*“acho que os gostos não tenho parecidos, ainda não sabemos o que temos iguais”* - sujeito 8) que têm em comum com o seu melhor amigo, podendo pressupor que estas amizades são apenas funcionais. Isto significa que muitas das amizades construídas serem como apoio ou auxílio para o dia-a-dia.

Por último, os factores importantes para se iniciar uma relação de amizade, referidos pelos participantes foram:

Tema: Factores de Iniciação de uma Amizade				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Suporte de Amigo	Fazer companhia	<i>“Uma pessoa não gosta de estar sozinha então vou ter com ele”</i>	6	18%
	Dar auxílio	<i>“Ajudar um ao outro”</i>	5	15%
	Ser amigo	<i>“Ser amigos de todos, dar-nos bem com todos”</i>	15	45,4%
	Respeitar o outro	<i>“Não tratá-la mal, não responder mal, ter carinho por ela”</i>	3	9%
Por intermédio de terceiros	-	<i>“Outra pessoa apresenta para depois começar a ter uma amizade com ela”</i>	2	6%
Estabelecer um diálogo	-	<i>“Perguntar a ele se quer ser meu amigo, falamos”</i>	22	66,6%

Tabela 7 – Resultados obtidos para a pergunta 8, relativamente aos factores que facilitam a construção de uma amizade.

Portanto, os sujeitos com deficiência referem como factor mais importante para se ser amigo de outro é, em primeiro lugar, estabelecer um diálogo com a pessoa (66,6%), (*“dizer bom dia em primeiro lugar e depois conversar, começa-se a falar com ele”* – sujeito 27). Para além disto, consideram necessário que todos sejam amigos (45,4%) uns dos outros para que se possa estabelecer uma relação de amizade (*“deve ser amigável com ele, ser simpático, ter mais carinho por ele”* – sujeito 7).

Outro factor a realçar é a existência de apenas 2 sujeitos que precisam da ajuda de terceiros (6%) para iniciar as suas relações de amizade, podendo significar que grande percentagem dos sujeitos constituintes desta amostra são suficientemente autónomos e capazes de “ganhar” um amigo sem a ajuda de outra pessoa ou técnico.

Questão de Investigação 3 - Quais são os obstáculos à amizade vividos pelos sujeitos que têm deficiência intelectual?

Para esta questão de investigação, as perguntas pertinentes da entrevista foram:

9 - Quais são os factores que impedem a construção de uma amizade?

10 - Quando surge algum problema, como resolvem?

Para a questão 9, os factores que os sujeitos referem como impedidores de se estabelecer uma amizade são:

Tema: Factores que impedem a construção de uma amizade				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Diálogo	Ausência	<i>“Não falarmos, estar mais tempo sem nos falar”</i>	6	18%
	Zangas	<i>“Quando uma começa a discutir com a outra”</i>	10	30,3%
Intromissão de Terceiros	-	<i>“Meter-se alguém no meio, inventar coisas”</i>	5	15%
Agressão	Física	<i>“Uma pessoa bater nos amigos, é chato”</i>	6	18%
	Verbal	<i>“Responder mal com a gente”</i>	3	9%
Não ajudam no dia-a-dia	-	<i>“Não ajudar, não tentar resolver os problemas”</i>	2	6%
Não gostam um do outro	-	<i>“Quando não gostamos dessa pessoa”</i>	9	27,2%
Desconfiança	-	<i>“Não confiar na pessoa”</i>	4	12%

Tabela 8 – Resultados obtidos para a pergunta 9, relativamente aos factores que impedem a construção de uma amizade.

Para os factores que impedem a construção de uma amizade, os sujeitos referem, com maior incidência, a ocorrência de zangas e discussões (30,3%), por exemplo *“quando não são amigos, às vezes ter discussões entre eles”* (sujeito 27) e a não apreciação da pessoa em causa (27,2%), por exemplo *“às vezes acontece porque não gosto do feitio dela e ela não*

gosta do meu” (sujeito 30). Este factor pode sugerir que a primeira impressão que se tem de uma pessoa influencia a relação que, posteriormente, se estabelece. Outros dois factores importantes de salientar são também as agressões físicas (18%), por exemplo, *“entram em pancadaria por causa de discussões, roubos”* (sujeito 28) e a diminuição de diálogo (18%) entre os sujeitos, por exemplo, *“não fala com a pessoa, às vezes não falam e viram as costas”* (sujeito 18).

Referente à pergunta 10, esta pode ser analisada de duas formas: 1) se houve ou não algum problema entre o sujeito entrevistado e o seu amigo e, 2) como resolveram esse problema em prol da sua relação de amizade. Dos 33 sujeitos entrevistados, apenas 8 referiram ter tido algum problema com o seu amigo e que os resolveram, entre si, momentos depois do problema. Como refere o sujeito 7: *“Depois da discussão, nós sempre conversamos, falamos uma com a outra”*.

Assim, os motivos pelos quais os amigos entram em discussão um com o outro podem ser agrupados da seguinte forma:

Tema: Existência e Resolução de Conflitos				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Sim	Pedir ajuda a terceiros	<i>“Falei com as monitoras e ele parou”</i>	2	6%
	Conversar	<i>“Sim, tentamos resolver as coisas e tentamos chegar a um acordo”</i>	4	12%
	Passar com o tempo	<i>“Eu faço alguma coisa mal, ela fala comigo e discutimos. Mas depois o momento passa e já começo a rir”</i>	2	6%
Não	-	<i>“Não, tivemos sempre bem”</i>	23	69,6%

Tabela 9 – Resultados obtidos para a pergunta 10, relativamente à existência de algum conflito e respectiva resolução.

Com esta tabela verifica-se que grande parte dos sujeitos não teve nenhuma discussão ou problema com o seu amigo (69,6%), durante o tempo que se conhecem. No entanto, quando surgem conflitos, os sujeitos resolvem-nos através do diálogo (12%) até que ambas as partes cheguem a um consenso. Outras maneiras de se resolver conflitos, executadas

pelos sujeitos com deficiência, são: através da ajuda de terceiros (6%), normalmente técnicos da instituição, por exemplo *“primeiro falei com a Rita e depois falei com ele”* (sujeito 18), onde os participantes estão inscritos, e com o passar do tempo (6%), isto é, ambos os sujeitos esperam que a tensão diminua, para voltarem ao que era antes, sem conflito, como por exemplo, *“discutimos por vezes mas nada sério porque depois começamos a rir e fica tudo bem”* (sujeito 30).

Questão de Investigação 4 - Como apreciam os jovens com deficiência intelectual a existência de amigos?

No sentido de perceber qual é a importância dos amigos e, em particular do melhor amigo, na vida dos participantes, foram construídas duas perguntas:

2 - É importante ter amigos? Porquê?

11 - O que a amizade trouxa de positivo para o teu dia-a-dia?

A importância que os amigos têm na vida dos participantes pode ser verificada pela tabela seguinte:

Tema: Importância da Amizade				
Categorias	Subcategorias	Exemplos	n	N=33 %
Actividades	Lazer	<i>“Podemos sair com, fazer jogos, divertimos, muitas outras coisas”</i>	6	18%
	Trabalho	<i>“Para trabalhar com eles”</i>	1	3%
Sentido de Ajuda	-	<i>“Nos ajudam quando precisamos”</i>	5	15%
Companhia	-	<i>“Se nós não tivermos ninguém, estamos sozinhos”</i>	7	21,2%
Conversar	-	<i>“Sempre que precisamos de falar com alguém, eles estão sempre disponíveis”</i>	7	21,2%
Apreciação do Amigo	-	<i>“Pois, é gostar dos colegas porque eu gosto deles”</i>	7	21,2%
Confiança	-	<i>“É a pessoa em quem podemos contar”</i>	3	9%

Ser da Família	-	<i>“É como se fosse família”</i>	1	3%
----------------	---	----------------------------------	---	----

Tabela 10 – Resultados obtidos para a pergunta 2, relativamente à importância que as amizades têm para os sujeitos.

Todos os sujeitos entrevistados consideram a amizade como algo importante para si e para todos, no geral. As principais razões pelas quais os sujeitos consideram a amizade importante estão relacionadas com o ter companhia (21,2%) do amigo (*“passam muito tempo comigo”* - sujeito 16), que haja conversas (21,2%) entre si (*“falarmos da nossa família, dos nossos papéis na escola, dizer se estamos bem de saúde ou não. Conversar sobre os sentimentos, explicar com quem namora, coisas assim do dia-a-dia”* - sujeito 14) e que goste de ser amigo (21,2%) do sujeito entrevistado (*“é porque eles gostam de nós. Eu não tinha amigos e agora já tenho”* - sujeito 18). Mais uma vez, é também referida a presença dos amigos nas actividades de lazer (18%), por exemplo, *“deixam-me jogar à bola com eles, às escondidas, brincamos às apanhadas”* (sujeito 23).

A tabela seguinte mostra o impacto que a existência de uma relação de amizade próxima teve na vida dos participantes:

Tema: Apreciação da Relação com o Amigo			
Categorias	Exemplos	n	N=33 %
Partilha de Experiências	<i>“Tenho mais conhecimento da vida”</i>	4	12%
Assistência	<i>“Ela me ajuda muito em todas as situações”</i>	13	39,3%
Auto-estima positiva	<i>“Fiquei melhor, mais bem-disposto, tive mais confiança para falar”</i>	14	42,4%
Companhia	<i>“Estamos sempre juntos, vamos para casa juntos”</i>	7	21,2%
Relação mais íntima	<i>“Significa um amigo como um namorado”</i>	2	6%
Confiança	<i>“Saber que posso contar com ele para qualquer coisa”</i>	3	9%

Tabela 11 – Resultados obtidos para a pergunta 11, relativamente à apreciação global das amizades que construíram.

A partir desta tabela, podemos averiguar que a amizade trouxe bastantes aspectos positivos para a vida dos sujeitos entrevistados, salientando o impacto que teve na sua auto-estima (42,4%) influenciada pela existência do respectivo melhor amigo (*“melhorou muito, em tudo. Fiquei mais contente, fiquei melhor, fiquei mais divertida e mais vaidosa”* - sujeito 17). Para além disto, os sujeitos também consideram importante a ajuda que os amigos oferecem (39,3%) em todos os momentos (*“Ajudou-me a perceber que há pessoas que me podem ajudar como a Rita. Ajudou-me a abrir os olhos, a perceber como eram os meus amigos”* - sujeito 18), ou seja, a sentirem-se compreendidos pelo amigo.

Por outro lado, a relação de amizade com o amigo referido ajuda a que os sujeitos tenham mais companhia (21,2%) no seu dia-a-dia (*“conhecemo-nos bem um ao outro, estamos sempre juntos, vamos para casa juntos”* – sujeito 27).

V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a observação da análise dos resultados efectuada, podemos tecer algumas considerações ao nível das questões de investigação que foram apresentadas no início deste estudo.

Para a primeira questão de investigação formulada, *como percebem os jovens com deficiência intelectual o conceito de amizade*, podemos verificar que os jovens caracterizam um amigo como aquele que ajuda e com quem podem falar sobre vários temas. Isto é verificado também pelos estudos realizados por Firth e Rapley (1990; citado por Moore, 2005) e por Argyle (2001; citado por Souza e Hutz, 2008), que consideram que tais aspectos como a **ajuda** e ter alguém com quem possam **desabafar** são importantes na caracterização de uma amizade benéfica para ambas as partes.

Para além destes factores, os mesmos sujeitos referem que um amigo deve fazer **companhia** sempre que necessário, no sentido em que, para se considerar uma pessoa como amigo, este precisa de estar presente em todos os momentos, quando possível. Este resultado vai ao encontro do que Sullivan (1953; citado por Costa, 2004) defende, isto é, a amizade satisfaz uma necessidade psicológica básica a todos os sujeitos, independentemente da sua condição, que é vencer a solidão através dos amigos e, posteriormente, construir uma relação íntima.

Outro aspecto complementar com a companhia que um amigo deve “oferecer” a outro, é o facto de os sujeitos com deficiência gostarem da presença dos seus amigos nas **actividades de lazer** das quais fazem parte.

Também Firth e Rapley consideram que a companhia e o **gostar do amigo** são outros aspectos importantes numa amizade, pois proporcionam aos sujeitos o desenvolvimento de um conhecimento de si mesmo e exigem determinadas condições para se manter uma amizade. Isto vai ao encontro com o que Fehr (1996; citado por Souza e Hutz, 2008) considera, ou seja, um relacionamento entre duas ou mais pessoas é, ou deve ser, pessoal e voluntário.

De acordo com Souza e Hutz (2008), algumas amizades intensificam-se, ou seja, o amigo ocasional pode tornar-se o melhor amigo. Para os sujeitos com deficiência intelectual, o conceito de melhor amigo engloba as mesmas características que um amigo (ajuda o outro, alguém com quem desaba e que gosta do amigo), no entanto há uma que é referida apenas para o melhor amigo; é o facto de este ser considerado como alguém em quem se pode confiar, tal como é referido por Berndt e Hoyle (1985; citado por Costa, 2004). Estes autores

consideram que ter um amigo é alguém com quem se pode compartilhar sentimentos e pensamentos, daí ser colocada a ênfase na lealdade, fidelidade, respeito e, principalmente, na **confiança** mútua.

Como a primeira questão de investigação está relacionada com o conceito de amigo, foi importante verificar se os sujeitos entrevistados tinham ou não um melhor amigo, pois os autores Jobling, Moni e Nolan (2008) referem que os sujeitos com deficiência intelectual estabelecem relações de amizade com “acompanhantes” pagos, contactos irregulares, ajudantes que organizam programas ou actividades direccionados para a família em vez de serem para os seus pares, oferecendo assim poucas oportunidades para o treino de competências sociais. Neste estudo, verificou-se que nenhum dos sujeitos referiu como **melhor amigo** algum técnico da instituição, sendo assim possível afirmar que todos os jovens entrevistados estabeleceram uma relação de amizade com outra pessoa que conheceram na escola.

Deste modo, pode-se afirmar que os jovens avaliam as qualidades da amizade compostas por atitudes de ajuda, devoção e suporte de um amigo, tal como é referido no estudo de Camerer e Smith (1993; citado por Heiman, 2000).

De acordo com a segunda questão de investigação, *que critérios usam os sujeitos com deficiência intelectual para estabelecer relações de amizade*, pode-se verificar que os sujeitos, tal como consideram os autores Cordeiro (2006) e Newcomb e Bagwell (1995; citado por Kail, 2004), escolhem os amigos que têm os mesmos interesses, valores e crenças, da mesma forma que as crianças ou adolescentes ditas normais se aproximam dos seus pares porque apresentam atitudes similares em relação à diversão, à escola e ao futuro.

Segundo Fehr (1996; citado por Souza e Hutz, 2008), as amizades entre sujeitos mais velhos caracterizam-se pela homogeneidade dos traços de personalidade, interesses, género, idade, escolaridade. Isto significa que as amizades são formadas, desenvolvidas e mantidas através da relação entre os factores: ambientais, situacionais, individuais e diádicos. Os resultados obtidos confirmam, então, que os sujeitos com deficiência intelectual apontam como características comuns com o seu amigo: gostar das mesmas actividades de lazer, serem parecidos na constituição física e amigos um do outro.

No entanto, através deste estudo, verifica-se que existem sujeitos que afirmam desconhecer os gostos do amigo ou saberem que não têm nada em comum e mesmo assim continuarem amigos. Isto significa que nem todos os jovens escolhem os seus amigos pela compatibilidade de interesses, atitudes ou valores.

Como factores de iniciação de uma amizade referidos pelos sujeitos com deficiência intelectual, pode-se dizer que vai ao encontro do estudo feito por Cook (2001). Este autor refere que é necessário encontrar oportunidades que facilitem novos relacionamentos, ou seja, é necessário estarem os dois amigos num mesmo local e alguém estabelecer diálogo com o outro. Porém, poucos foram os sujeitos que referiram a necessidade de um técnico da instituição para estabelecer o primeiro contacto com outra pessoa. Assim, estes resultados não confirmam dois dos factores importantes, referidos por Cook, para se obter sucesso numa amizade: terem facilitadores (familiares e/ou técnicos) que ajudem a reconhecer as qualidades positivas da pessoa com deficiência e que ajudem a desenvolver essa mesma amizade.

Para além disto, de acordo com Duvdevany (2008), muitas das pessoas com deficiência intelectual são postas em instituições que não se preocupam com o desenvolvimento pessoal e social destes sujeitos daí sofrem de solidão, tédio e ansiedade por causa da abundância de tempo livre não estruturado. Este autor considera também que estes sujeitos têm uma vida socialmente isolada e apresentam uma falta de competências sociais.

Contudo, neste estudo verificou-se o oposto. De facto, maioria dos sujeitos entrevistados conheceu o seu melhor amigo numa escola/instituição de ensino especial, o que não pressupõe que estes sujeitos estejam isolados do mundo.

Para a terceira questão de investigação, *quais os obstáculos à amizade vividos pelos sujeitos que têm deficiência intelectual*, os resultados mostram que os sujeitos com deficiência têm competências sociais adequadas para resolverem situações de conflito com os seus amigos. De acordo com Grusec (2002; citado por Arnett, 2006), a socialização implica o desenvolvimento de competências para a tomada de papéis, estratégias para resolver conflitos e formas de perceber os relacionamentos; para além de ajudar na auto-regulação emocional, comportamental e do pensamento, e na aquisição de normas, atitudes e valores culturais.

Sabendo que um conflito é a oposição ou desacordo entre duas ou mais pessoas em relação a um mesmo assunto ou tema, é importante saber resolvê-los, através do diálogo ou pedindo ajuda a outra pessoa, tal como os sujeitos referiram durante a entrevista. Conseguir resolver conflitos ajuda a crescer, evoluir e amadurecer como pessoas.

Segundo Câmara e Carlotto (2007), é preciso considerar a importância dos factores demográficos, pessoais, socioculturais, ambientais, entre outros, que influem no tipo de estratégias de coping perante os problemas diários. Por vezes, nem todos os relacionamentos conseguem ser duradouros, o que proporciona algum mal-estar para o sujeito com deficiência.

Os factores considerados de impedidores pelos sujeitos entrevistados, relativamente ao estabelecimento de uma amizade, estão relacionados com a ausência de diálogo e/ou aparecimento de discussões constantes, com as agressões físicas e com a intromissão de terceiros, ou seja, há uma outra pessoa que começa por inventar ou dizer mal de um dos amigos e assim prejudica a amizade entre estes.

No entanto, os resultados para esta questão de investigação foram pouco conclusivos para se conhecer realmente os obstáculos que existem, isto é, maioria dos sujeitos respondeu não ter tido nenhum problema ou discussão séria com o seu amigo.

E finalmente para a quarta questão de investigação, *como apreciam os jovens com deficiência intelectual a existência dos amigos*, podemos afirmar que todos os jovens consideram a amizade como importante para o seu dia-a-dia, isto significa que as respostas obtidas pelas entrevistas estão de acordo com o que Lutfiyya (1991; citado por Gordon, Feldman, Tantillo e Perrone, 2004) e Youniss e Smollar (1985; citado por Souza e Hutz, 2008) referem nos seus estudos.

Segundo Lutfiyya (1991; citado por Gordon, Feldman, Tantillo e Perrone, 2004), as amizades e as ligações interpessoais são importantes para todos, pois inclui a partilha de recursos, como por exemplo, tempo, suporte emocional, objectos materiais. Youniss e Smollar (1985; citado por Souza e Hutz, 2008) também consideram que a amizade assume uma importância crucial para o desenvolvimento psicológico do sujeito, assumindo simultaneamente um novo significado interpessoal.

Complementar com o que foi referido anteriormente, os sujeitos com deficiência intelectual consideram importante que um amigo faça companhia para conversar e nas actividades de lazer, que ajude nos momentos mais difíceis, ou seja, que esteja presente sempre que necessário. No entanto, há uma característica que os sujeitos apontaram como algo de importante numa amizade e que vai ao encontro do estudo de Firth e Rapley (1990; citado por Moore, 2005), isto é, a construção de uma elevada auto-estima do próprio sujeito. Estes autores argumentam que fazer amigos implica desenvolver um breve conhecimento sobre eles, baseando-se em determinadas condições, tais como, motivação, oportunidade, confiança e competências.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a discussão dos resultados obtidos neste estudo, podemos chegar a várias conclusões acerca deste tema como também das limitações e sugestões ocorridas neste trabalho.

De acordo com os objectivos principais do trabalho, saber como eram caracterizadas as amizades dos jovens com deficiência intelectual, pôde-se verificar que não existem diferenças significativas entre os relacionamentos de amizade dos jovens ditos normais e os jovens com deficiência intelectual, ou seja, estes referem qualidades como lealdade, ajuda, suporte de um amigo como essenciais para se estabelecer uma relação de amizade com outra pessoa.

É de ideia geral (o que a sociedade pensa) que os jovens com deficiência intelectual são jovens com algumas limitações ao nível das competências sociais e de resolução de conflitos, devido à sua dificuldade em lidar com a mudança de situações a que uma pode estar sujeita. Na realidade, apresentam limitações na sua motricidade que os incute a um ritmo de trabalho ou de acção mais demorado que o dito normal esperado mas, com algum apoio e ensino mais constante, conseguem atingir os seus objectivos.

No entanto, os mesmos sujeitos mostram conhecimentos nos passos essenciais para iniciar e manter uma amizade como também para resolver problemas que possam ocorrer no dia-a-dia. Estes sujeitos sabem que, para resolver uma situação conflituosa ou que causa algum transtorno para um dos sujeitos, são necessárias estratégias eficazes para os resolver, como é o caso de conversarem sobre o problema em questão.

Dito isto, nenhum dos sujeitos entrevistados referiu como um “problema” a condição do amigo, isto é, não houve nenhuma atribuição à deficiência propriamente dita como um factor de impedimento para se construir uma amizade. O mais referido por estes jovens, como factor de impedimento numa amizade, foi a maneira de ser do amigo, o seu comportamento e/ou atitudes face a determinada situação. Por vezes, também entram em contradição nas suas opiniões, pelo facto de existirem outras pessoas que se intrometam na sua amizade e aí prejudicar a resolução dos problemas que poderão surgir.

Outro aspecto importante a referir é o facto de maioria destes jovens (que participaram neste estudo) ter realmente um melhor amigo que conheceram num local mútuo, do sujeito em causa e do seu amigo, e ter sido uma relação voluntária, ou seja, nenhum sujeito com deficiência intelectual referiu ter como melhor amigo um acompanhante pago e/ou um técnico da instituição ou escola onde estão inscritos. Isto prova, mais uma vez, que mesmo

inscritos em instituições de ensino especial, os sujeitos com deficiência intelectual são autônomos e conscientes das relações que estabelecem com as pessoas que os rodeiam.

Apesar de todas estas informações terem sido obtidas através de entrevistas, para um melhor e maior conhecimento de processo de socialização destes sujeitos (se há influência de alguém para iniciar uma relação, se há facilidade ou dificuldade em ter amigos, como se dão no dia-a-dia, entre outros), seria interessante fazer a recolha de dados através de narrativas de vida dos sujeitos. Mesmo quando sendo um processo mais dispendioso em termos de tempo e de disponibilidade dos sujeitos, possibilitando a obtenção de um leque mais alargado de informação.

Neste sentido, com o intuito de obter informação mais detalhada, poderíamos ter feito um primeiro contacto com os participantes deste estudo, antes do momento da entrevista, para evitar quaisquer ansiedades *a priori*, face a um estranho na instituição.

Para além disto, o tema retratado neste trabalho é um tema que tem poucas fontes bibliográficas, isto é, relativamente às relações de amizade em jovens adultos e, mais concretamente, em jovens com deficiência intelectual e ao impacto que têm na vida destes sujeitos, existe muito pouca informação. Daí, ser importante que haja mais trabalho de investigação nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. e Freire, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnósticos e estatística das perturbações mentais* (4ª Ed). Lisboa: Climepsi Editores.
- Andrada, M., Levy, M. e Feijóo, M. (1981). Etiologia e diagnóstico da deficiência mental. *Psicologia*, 2 (2/3), 111-116.
- Arnett, J. (2006). Socialization in emerging adulthood: from the family to the wider world, from socialization to self-socialization (chapter 8). In Joan E. Grusec & Paul D. Hastings, *Handbook of Socialization: Theory and Research*. New York: Guilford Publications, Inc.
- Arnett, J. (2007). *Adolescence and emerging adulthood: a cultural approach* (3rd Ed.). New Jersey: Upper Saddle River.
- Aviana, M. (2001). *O papel dos grupos de pares nas tarefas do desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. Lisboa: Instituto superior de Psicologia Aplicada.
- Bacalhau, A. (2003). *Amizade, Reciprocidade e Qualidade: a relação existe?* Dissertação de Mestrado de Psicologia Educacional. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Bairrão, J. (1981). Sobre a deficiência mental. *Psicologia*, 2 (1), 99-109.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Ed 70.
- Câmara, S. e Carlotto, M. (2007). Coping e género em adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 87-93.
- Coll, C., Marchesi, A. e Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais* (2ª ed.), vol. 3. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cook, J. (2001). Facilitating friendships for children with disabilities. *Focal Point*, 15 (2), 9-10.
- Cordeiro, P. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4 (24), 509-517.
- Costa, M. (2004). A Família com filhos com necessidades educativas especiais. *Revista Millenium*, 30, 74-100.

- D'Oliveira, T. (2002). *Teses e dissertações: recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: RH Editora.
- Duvdevany, I. (2008). Do persons with intellectual disability have a social life? The Israeli reality. *Salud Pública de México*, 50 (2), 222-229.
- Gleitman, H. (2003). *Psicologia* (6ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, A., Fernandes, A., Batista, C., Salustiano, D., Mantoan, M. e Figueiredo, R. (2007). *Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental*. São Paulo: MEC/SEESP.
- Gordon, P., Feldman, D., Tantillo, J. e Perrone, K. (2004). Attitudes regarding interpersonal relationships with persons with mental illness and mental retardation. *Journal of Rehabilitation*, 70 (1), 50-56.
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins, M. e Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2 (18), 191-201.
- Griffiths, T. (2001). Friendship is to people what sunshine is to flowers. *Focal Point*, 15 (2), 6-8.
- Guralnick, M. (2001). *Early childhood inclusion: focus on change*. Baltimore: Paul H. Brooks.
- Heiman, T. (2000). Friendship quality among children in three educational settings. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 25 (1), 1-12.
- Hill, N., Bromel, L., Tyson, D. e Flint, R. (2007). Developmental commentary: Ecological Perspectives on Parental Influences during Adolescence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 36 (3), 367-377.
- Hutchison, P. (s.d.). *A qualitative study of the friendship of people with disabilities*. Centre for Research and Education in Human Services.
- Instituto de Emprego e Formação Profissional (2004). *Interação com a pessoa com deficiência: Manual de Etiqueta*. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- Jobling, A., Moni, K. B. e Nolan, A. (2000). Understanding friendship: Young adults with Down syndrome exploring relationships. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 25 (3), 235-245.
- Kail, R. V. (2004). *A criança*. São Paulo: Prentice Hall.
- Lucas, J. (1981). Deficiência mental: um produto social?. *Psicologia*, 2 (2/3), 201-220.

- Moore, T. (2005). Friendship formation in adults with learning disabilities: peer-mediated approaches to social skills development. *British Journal of Learning Disabilities*, 33, 23-26.
- Organização Mundial de Saúde (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrição clínica e directrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parker, J. G. e Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29, 611-621.
- Ramón, R. e Gelabert, S. (2008). Inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho das Ilhas Baleares. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 45 (3), 181-200.
- Rubin, Z. (1982). *As amigas das crianças*. Lisboa: Dom Quixote.
- Selman, R. L. (1991). Fostering intimacy and autonomy. In W. Damon (Ed.), *Child development today and tomorrow*. (pp. 39-57). San Francisco: Jossey-Bass.
- Silva, A. M. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Souza, L. e Hutz, C. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13 (2), 257-265.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vandell, D. L. (1999). *Friendship interview*. Unpublished interview. University of Wisconsin-Madison.
- Vieira, F. e Pereira, M. (2007). *Se houvera quem me ensinara...A educação de pessoas com deficiência mental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

ANEXO A

Amostra representada pelos seus componentes (idade, instituição, género)

Sujeito	Idade	Instituição	Género
1	25	CERCISA	Masculino
2	17	CERCISA	Masculino
3	19	CERCISA	Masculino
4	25	CERCISA	Masculino
5	25	CERCISA	Feminino
6	16	CERCISA	Feminino
7	21	CERCISA	Feminino
8	18	CERCISA	Feminino
9	17	CERCISA	Feminino
10	21	CERCISA	Feminino
11	25	CERCISA	Masculino
12	17	CERCISA	Masculino
13	24	CERCISA	Masculino
14	18	CERCISA	Masculino
15	19	Rumo ao Futuro	Masculino
16	25	Rumo ao Futuro	Masculino
17	25	Rumo ao Futuro	Feminino
18	23	CERCITOP	Feminino
19	20	CERCITOP	Masculino
20	24	CERCITOP	Feminino
21	22	CAO de Lourel	Masculino
22	22	CAO de Lourel	Feminino
23	20	CAO de Lourel	Masculino
24	22	CAO de Lourel	Feminino
25	18	CAO de Lourel	Masculino
26	?	CERCITOP	Masculino
27	21	CERCITOP	Masculino
28	21	CERCITOP	Masculino
29	18	CERCITOP	Masculino
30	24	CERCITOP	Feminino
31	25	CERCITOP	Masculino
32	17	CERCITOP	Masculino
33	20	CERCITOP	Masculino

ANEXO B

Carta de Apresentação/Pedido de Autorização enviada às Instituições



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Exma. ...,

Chamo-me Catarina Brito e sou aluna do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, actualmente inscrita no 2º Ano de Mestrado Integrado em Psicologia Educacional (antigo 5º ano de Licenciatura).

Como tema de estudo para a minha dissertação de mestrado escolhi “A Amizade na Deficiência Intelectual”. Deste modo, a população para este estudo será sujeitos com deficiência intelectual, mais especificamente adolescentes e jovens adultos (até 25 anos de idade) que tenham este tipo de deficiência.

O tipo de estudo a ser realizado será exploratório e descritivo, de maneira a identificar as relações de amizade que o jovem com deficiência intelectual estabelece, quais são as principais características que esperam ver no amigo e que tipo de actividades/tarefas fazem em conjunto. Para tal, o instrumento indicado para a recolha de dados será uma entrevista semi-directiva, com o objectivo de não só dar liberdade para se expressarem como também focar aspectos importantes sobre a amizade. Para este estudo será necessário o auxílio de gravador. Em todo este processo, será garantida a confidencialidade e a privacidade dos sujeitos e das suas respostas.

Assim, venho por este meio pedir autorização ao Rumo ao Futuro, para que possa proceder à recolha de dados.

Sem mais assunto, deixo o meu contacto para posterior esclarecimento de possíveis dúvidas: 965758826.

Desde já agradeço pela sua disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,
Catarina Brito

ANEXO C

Pedido de Autorização enviado aos Pais/Encarregados de Educação

Autorização

Chamo-me Catarina Brito e sou aluna do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Neste momento encontro-me a finalizar a minha tese de mestrado sobre as relações de amizade e é bastante importante a participação dos jovens inscritos na _____ para o mesmo.

A participação dos jovens consta em responder a uma pequena entrevista e para tal será necessário o uso de um gravador como auxílio de registo, isto é, somente para facilitar a transcrição completa das respostas dadas. Em todo este processo, será garantida a confidencialidade e a privacidade dos jovens e das suas respostas.

Assim, venho por este meio pedir autorização aos Pais/Encarregados de Educação para que possa então realizar as entrevistas aos vossos educandos.

Agradeço desde já a vossa colaboração neste trabalho.

Estudante de Psicologia,
Catarina Brito

Eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no trabalho “As relações de amizade” a ser realizado na _____.

ANEXO D

Friendship Interview de Vandell (1999)

FRIENDSHIP INTERVIEW

Now I'm interested in learning more about your best friends. These are the kids you really like to spend time with and play with. You might have one best friend or more than one best friend. We want to talk about your friends, so please don't tell me about your mom, dad, brother, or sister. Modify the listing of family members as appropriate for the child's family situation.

1. *Do you have a very best friend?*

Yes No

If yes, *What is your very best friend's name?* _____

Gender: 1 Male
 2 Female

If the child lists several "best" friends: *Wow! You have a lot of best friends. Let's think about who your VERY best friend is. This is the friend you spend the most time with, the one you have the most fun with when you play.*

If no or if the child says he/she does not have a best friend: *Well, let's think about the kids you spend time with, at school or in your neighborhood. Can you tell me the name of someone you really like to be around and play with? If no, terminate the procedure. Otherwise, record name above.*

2. *How is your friendship with FRIEND going? Is it going great, good, not so good, or bad?*

1	2	3	4
bad	not so good	good	great

3. *Now I'd like to know where you and FRIEND play. I'm going to read you a list of places. Say "yes" or "no" for each one to tell me whether you and FRIEND play there.*

Your house	Yes	No
FRIEND'S house	Yes	No
At school	Yes	No
At an after-school program	Yes	No
Around your neighborhood	Yes	No
At church, synagogue, mosque, or other place of worship	Yes	No
Any other place (specify)	Yes	No _____

4. *How often do you see and play with FRIEND? Code the child's response; do not list the options.*

 5 or more days/week
 few times per week
 once per week
 2-3 times per month
 once per month
 less than once per month

5. *Do you have a second best friend?*

Yes No

If yes, *What is your second best friend's name?* _____

Gender: 1 Male
 2 Female

If no, terminate the procedure.

6. *How is your friendship with FRIEND going? Is it going great, good, not so good, or bad?*

1	2	3	4
bad	not so good	good	great

7. *Now I'd like to know where you and FRIEND play. I'll read the list of places again, and you say "yes" or "no" for each one to tell me whether you and FRIEND play there.*

Your house	Yes	No
FRIEND'S house	Yes	No
At school	Yes	No
At an after-school program	Yes	No
Around your neighborhood	Yes	No
At church, synagogue, mosque, or other place of worship	Yes	No
Any other place (specify)	Yes	No

8. *How often do you see and play with FRIEND? Code the child's response; do not list the options.*

 5 or more days/week
 few times per week
 once per week
 2-3 times per month
 once per month
 less than once per month

9. *Do you have a third best friend?*

Yes No

If yes, *What is your third best friend's name?* _____

Gender: 1 Male

 2 Female

If no, terminate the procedure.

10. *How is your friendship with FRIEND going? Is it going great, good, not so good, or bad?*

1	2	3	4
bad	not so good	good	great

Now I'd like to know where you and FRIEND play. Tell me "yes" or "no" for each of these places to tell me whether you and FRIEND play there.

Your house	Yes	No
FRIEND'S house	Yes	No
At school	Yes	No
At an after-school program	Yes	No
Around your neighborhood	Yes	No
At church, synagogue, mosque, or other place of worship	Yes	No
Any other place (specify)	Yes	No

12. *How often do you see and play with FRIEND? Code the child's response; do not list the options.*

 5 or more days/week
 few times per week
 once per week
 2-3 times per month
 once per month
 less than once per month

Thank you for doing such a great job telling me about your friendships!

ANEXO E

Friendship Quality Questionnaire de Parker e Asher (1993)

FRIENDSHIP QUALITY QUESTIONNAIRE

Now I want to talk about your very best friendship with FRIEND. These questions are not a test; there are no right or wrong answers. I just want to know what you think about your friendship with FRIEND.

I'm going to read some statements. When you hear each one, I want you to think about your friendship with FRIEND. Then I want you to tell me how true you think the statement is. But first, let me show you how you're going to answer. (Place response card in front of child.)

*This card shows the answers you can use to tell me how true the sentences are for you and FRIEND. There are five boxes, and each box shows an answer you might choose. The boxes say *Not At All True, A Little True, Somewhat True, Mostly True, and Really True* (point to the corresponding box as you say each response choice). When I say each statement, you can tell me your answer by either pointing to the box on the card or saying it out loud.*

Here's a practice statement: FRIEND and I both like pizza.

If child answers verbally: Oh, it's _____ (response) that both you and FRIEND like pizza.

If child points to a response: You pointed to _____, so I know that it's _____ (response) that both you and FRIEND like pizza.

Let's try this one: FRIEND and I both like cleaning our rooms.

If child answers verbally: Oh, it's _____ (response) that both you and FRIEND like cleaning your rooms.

If child points to a response: You pointed to _____, so I know that it's _____ (response) that both you and FRIEND like cleaning your rooms.

If the child remains uncertain about the response choices, add practice items until the child appears competent. Otherwise, proceed: Good, you understand how to do this. Now I'd like you to think about your friendship with FRIEND. Before we get started, I have one or two questions that you can answer either "Yes" or "No". Then we'll use the card after that.

Do you and FRIEND go to the same school? Yes No

If Yes: Are you and FRIEND in the same class? Yes No

	Not at all true	A little true	Somewhat true	Mostly true	Really true
1. _____ and I live really close to each other.	1	2	3	4	5
2. _____ and I always sit together at lunch. <i>If FRIEND was in my school/class, we would always sit together at lunch.</i>	1	2	3	4	5
3. _____ and I get mad at each other a lot.	1	2	3	4	5
4. _____ tells me I'm good at things.	1	2	3	4	5
5. If other kids were talking behind my back, _____ would always stick up for me.	1	2	3	4	5
6. _____ and I make each other feel important and special.	1	2	3	4	5
7. _____ and I always pick each other as partners. <i>If FRIEND was in my class, we would always pick each other as partners.</i>	1	2	3	4	5
8. _____ tells me I'm pretty smart.	1	2	3	4	5
9. _____ and I are always telling each other about our problems.	1	2	3	4	5
10. _____ makes me feel good about my ideas.	1	2	3	4	5
11. When I'm mad about something that happened to me, I can always talk to _____ about it.	1	2	3	4	5
12. _____ and I argue a lot.	1	2	3	4	5
13. When I'm having trouble figuring something out, I usually ask _____ for help and advice.	1	2	3	4	5
14. _____ and I always make up easily when we have a fight.	1	2	3	4	5
15. _____ and I fight.	1	2	3	4	5
16. _____ and I loan each other things all the time.	1	2	3	4	5
17. _____ often helps me with things so I can get done quicker.	1	2	3	4	5
18. _____ and I always get over our arguments really quickly.	1	2	3	4	5
19. _____ and I always count on each other for ideas on how to get things done.	1	2	3	4	5
20. _____ doesn't listen to me.	1	2	3	4	5
21. _____ and I tell each other private things a lot.	1	2	3	4	5

ANEXO F
Guião de Entrevista

Novo Guião de Entrevista

Adaptado de Friendship Interview de Vandell (1999), de Friendship Quality Questionnaire de Parker e Asher (1993) e do estudo realizado por Hutchison (s.d.)

1. O que é ser amigo?
2. É importante ter amigos? Porquê?
3. Onde passas mais tempo com os teus amigos?
4. O que é um melhor amigo?
5. Tens um melhor amigo? (Ou aquele amigo com quem mais te relacionas?)
6. Como/onde conhecestes o teu melhor amigo?
7. Quais são as características que tens em comum com esse teu amigo?
8. Quais são os factores que facilitam a construção de uma amizade?
9. Quais são os factores que impedem a construção de uma amizade?
10. Quando surge algum problema, como o resolvem?
11. O que a amizade trouxe de positivo para o teu dia-a-dia?

ANEXO G

Respostas dadas pelos sujeitos para cada pergunta

1. O que é ser amigo?
Sujeito 1 – Eu acho...um amigo para mim é uma pessoa com quem eu posso falar, desabafar, contar todos os meus problemas, tudo aquilo que eu precisar de falar com ele.
Sujeito 2 – Um amigo é ser bonzinho.
Sujeito 3 – Eu ajudo o meu amigo porque ele é surdo.
Sujeito 4 – É respeitar, conviver com eles.
Sujeito 5 – Para mim ser um amigo é uma pessoa especial, é alguém que a gente quando está mal dá-nos sempre um apoio também. É o abraço de uma amizade forte.
Sujeito 6 – É ajudar os outros.
Sujeito 7 – Um amigo deve ser assim ajudar com outras pessoas, por exemplo, ajudar aqueles que precisam mais por exemplo aqueles que não conseguem descer de umas escadas
Sujeito 8 – É uma pessoa que nós confiamos, que temos mais proximidade, podemos falar dos nossos problemas.
Sujeito 9 – É respeitar, estar connosco nos bons e piores momentos.
Sujeito 10 – Um amigo é muito bom. É bom, dá muito conselho.
Sujeito 11 – É ser companheiro, ter uma amizade boa e não é qualquer pessoa que é amigo de outra.
Sujeito 12 – Amigo é ser amigo de outras pessoas, brincar com elas, falar com elas. E ajudar.
Sujeito 13 – É ajudar as outras pessoas quando precisam.
Sujeito 14 – Amigo é um significado bom, é relações para conversarmos da vida, das pessoas, de sentimentos também, fazer mais amigos. Também conversar com os pais quando temos um amigo novo. Gostamos de ter um amigo.
Sujeito 15 – Um amigo...para mim um amigo é conhecermos a ele, falar com ele, dizer como é que ele se chama, qual é a idade, onde é que mora. Brincam...fazem jogos, fazem corridas, apanhada.
Sujeito 16 – É brincar, futebol, fico ao pé dela, dou-lhe beijinhos, falamos sobre as nossas coisas.
Sujeito 17 – É ser amigo, é estar ao pé de nós, brincar connosco, conversam.
Sujeito 18 – Amizade, dar carinho, a gente pode falar, a gente tem muitas coisas com os amigos.
Sujeito 19 – Pode ser várias formas, ajuda nos bons e maus momentos, pode dar conselhos, pode tentar ajudar nos problemas da escola e em casa.
Sujeito 20 – é ter amizade com a pessoa, estar quando é preciso, ajudar quando é preciso, estar nas ocasiões...não é especiais...mas quando estamos tristes.
Sujeito 21 – é ser amigo dos amigos. Gosta de mim, fala comigo, gosta de festinhas.
Sujeito 22 – é gostar de outra pessoa, dar-me beijinhos na cara, pergunta se está tudo bem comigo.
Sujeito 23 – é jogar à bola, jogas às escondidas, várias coisas, pode jogar computador.
Sujeito 24 – é gostar dos outros, é não bater, dar abraços e festinhas.
Sujeito 25 – ser um amigo é ser amigo do outro. Jogar à bola, passear, falar com ele, fazer jogos,

brincar com ele.

Sujeito 26 – é um colega, trabalha comigo, fazemos peças

Sujeito 27 – é uma pessoa que gosta de mim, que gosta de falar comigo, brinca comigo, faz jogos comigo.

Sujeito 28 – um amigo é aquele que nos apoia nos bons e maus momentos, ajuda-nos, estamos juntos, saímos.

Sujeito 29 – um amigo é amizade, ajuda as outras pessoas e faz favores, eu faço favores, eles fazem a mim.

Sujeito 30 – é aquele que está comigo nas alturas difíceis mas também nas fáceis. Para mim, tem que ter muita paciência, tem de ser muito carinhoso.

Sujeito 31 – é ajudar o amigo, para não andarmos à porrada uns aos outros.

Sujeito 32 – é ajudar as pessoas nos bons e maus momentos.

Sujeito 33 – é fazer coisas com os amigos, fazer peças, jogos, e também temos novidades, cavalos e piscinas.

2. É importante ter amigos? Porquê?

Sujeito 1 – Sim, porque a gente tendo um amigo podemos sair, fazer jogos, divertirmos, muitas outras coisas.

Sujeito 2 – sim, os amigos é para ajudar quando precisa.

Sujeito 3 – (não respondeu)

Sujeito 4 – É. É como se fosse família.

Sujeito 5 – É muito.

Sujeito 6 – Sim, porque ele ajuda-nos. Quando têm com problemas ajudamos. Quando nós estamos tristes, eles podem nos ajudar.

Sujeito 7 – Sim é. Se nós não tivermos ninguém, uma família, estamos sozinhos.

Sujeito 8 – Sim. Falamos com as pessoas, temos mais conhecimentos, ele pode dar-nos mais conhecimentos e nós podemos dar conhecimentos a eles.

Sujeito 9 – É falarmos, sair, conversar.

Sujeito 10 – Sim.

Sujeito 11 – Sim.

Sujeito 12 – É. Dá-nos vontade de sairmos com eles.

Sujeito 13 – Mais ou menos. Chateiam às vezes a mim. O Ruben às vezes chateia.

Sujeito 14 – Sim porque é uma razão entre amigo e das pessoas, ter uma relação com ele, falarmos da nossa família, dos nossos papéis na escola, a dizer se estamos bem de saúde ou não. Conversar sobre os sentimentos, explicar com quem namora, coisas assim do dia-a-dia.

Sujeito 15 – Sim.

Sujeito 16 – Sim, porque nos fazem rir, passam muito tempo comigo.
Sujeito 17 – É, porque também nos levam para discotecas.
Sujeito 18 – É porque eles gostam de nós. Eu não tinha amigos e agora já tenho.
Sujeito 19 – é porque contamos com ele, sabemos que ele pode ajudar, confiamos nele, por alguma razão podemos contar com ele.
Sujeito 20 – é. Eu acho que é porque nos ajudam quando precisamos.
Sujeito 21 – sim, porque eles gostam de nós.
Sujeito 22 – é importante. Se é minha amiga, eu também sou amiga dessa pessoa porque têm uma ligação muito grande com as pessoas, as pessoas gostam umas das outras e de ter amigas para podermos conversar.
Sujeito 23 – sim, porque a gente gostamos uns dos outros, deixam-me jogar à bola com eles, às escondidas, brincamos às apanhadas.
Sujeito 24 – pois, é gostar dos colegas, porque eu gosto deles.
Sujeito 25 – sim porque eu gosto deles todos, para uma pessoa não ficar triste.
Sujeito 26 – sim para conviver com a gente, para trabalhar com eles.
Sujeito 27 – é porque gosto de ter amigos, gosto de respeitá-los, gosto de ser bem-educado para eles.
Sujeito 28 – sim para não estar sozinho, é a pessoa em quem podemos contar.
Sujeito 29 – é, eu não sei.
Sujeito 30 – é porque se não tivesse amigos ficava mais triste e ter amigos dá para brincar, ficar entretido.
Sujeito 31 – sim, para não andar sozinho, ando sempre acompanhado.
Sujeito 32 – é porque nos ajudam muito e sempre que precisamos de falar com alguém, eles estão sempre disponíveis.
Sujeito 33 – é. Eu tenho muitos, gostava de ter mais. São alegres, fazem companhia.

3. Onde passas mais tempo com os teus amigos?
Sujeito 1 – Fora da escola.
Sujeito 2 – Na rua a jogar à bola.
Sujeito 3 – Perto da minha casa no Seixal, na antiga escola.
Sujeito 4 – Na escola.
Sujeito 5 – Onde passo mais tempo é agora na escola porque entretanto depois tive um acidente e perdi contacto com os meus amigos, muitos se casaram e deixaram de ter contacto comigo, foi assim. Eram da minha antiga escola.
Sujeito 6 – Cá no colégio.
Sujeito 7 – É aqui na escola, em casa deles, na rua.
Sujeito 8 – Eu não sou muito de ter amizades, às vezes faço mas não saio com eles. Tenho lá fora e

aqui dentro (na escola).

Sujeito 9 – Aqui na escola.

Sujeito 10 – No café e no fórum.

Sujeito 11 – Aqui na escola.

Sujeito 12 – Os meus amigos estão na cercisa.

Sujeito 13 – Às vezes vou para Setúbal e vou ter com os meus amigos a Palmela.

Sujeito 14 – Na rua. Aqui não, só em Lisboa porque estou com o meu pai ao fim de semana.

Sujeito 15 – Na escola.

Sujeito 16 – Aqui fora, no recreio.

Sujeito 17 – Na escola e fora.

Sujeito 18 – Na sala da cercitop.

Sujeito 19 – na rua assim a passear e aqui na cercitop.

Sujeito 20 – é mais aqui no trabalho e no fim-de-semana muito raramente saio mas costumo ir a casa deles.

Sujeito 21 – cá na escola, também passo em casa, eles vêm à minha casa.

Sujeito 22 – em casa da minha avó e na escola.

Sujeito 23 – no CAO de Lourel.

Sujeito 24 – no CAO de Lourel.

Sujeito 25 – na minha casa, em Lisboa.

Sujeito 26 – na sala (CAO)

Sujeito 27 – aqui no CAO, no refeitório, às vezes nas actividades.

Sujeito 28 – é na rua.

Sujeito 29 – é em casa deles.

Sujeito 30 – na escola.

Sujeito 31 – ao pé da minha casa, aqui (CAO) tenho alguns.

Sujeito 32 – nas minhas saídas ao fim-de-semana. Também tenho aqui mas convivo mais com os amigos com quem saio ao fim-de-semana, vamo-nos divertir.

Sujeito 33 – aqui no CAO.

4. O que é um melhor amigo?

Sujeito 1 – Um melhor amigo para mim é uma pessoa que a gente confia muito nela, que tem estado com a gente desde o início até ao fim, seja na escola ou fora da escola. É uma pessoa especial.

Sujeito 2 – Fazer com ele o que é preciso.

Sujeito 3 – (não responde)

Sujeito 4 – o melhor amigo já se conhece há anos.

Sujeito 5 – Ser melhor amigo é uma pessoa que dá apoio em todos os aspectos que a pessoa necessita.

São por exemplo quando está doente, quando precisa de carinho, amizade, apoio no trabalho, quando chega a casa. Ter assim um bocadinho de cada coisa.

Sujeito 6 – Ajudar os outros.

Sujeito 7 – Um melhor amigo é aquele que devemos confiar mesmo, contar tudo assim de coração aberto.

Sujeito 8 – Nós falamos com ele, podemos isso tudo, ele é de confiança. Se ele diz a outras pessoas, aí já se perdeu a confiança.

Sujeito 9 – Não sei.

Sujeito 10 – Não sei.

Sujeito 11 – Aquele que ajuda os colegas e sai com a gente.

Sujeito 12 – Não sei. É a mesma coisa que um amigo.

Sujeito 13 – (não respondeu)

Sujeito 14 – É para termos a liberdade de jogar futebol, às vezes conversar, jogar computador, estas coisas.

Sujeito 15 – É gostarmos dele porque ele tem confiança em nós e nós temos confiança nele.

Sujeito 16 – (não respondeu)

Sujeito 17 – Fazem companhia e brincam com a gente.

Sujeito 18 – Pode-se contar com eles, posso dizer um segredo e ele não conta a ninguém.

Sujeito 19 – o melhor amigo é aquele que está sempre connosco, conta os problemas.

Sujeito 20 – Acho que é a mesma coisa que um amigo.

Sujeito 21 – gosta de nós.

Sujeito 22 – é gostar de outra pessoa. É diferente a um amigo. Fazemos peças, trabalhamos juntos e não conversamos muito. Estamos um com o outro. Ele gosta de mim, olha muito para mim, damos a mão.

Sujeito 23 – vai comigo ao Feira Nova, porque eu gosto dele, brinco com ele.

Sujeito 24 – gosta de mim, vai ao Feira Nova comigo à sexta-feira, é gostar muito dela.

Sujeito 25 – é brincar, falar com ele, protegê-lo para outros não lhe baterem, estou sempre a avisar as monitoras.

Sujeito 26 – é a mesma coisa que um amigo.

Sujeito 27 – é simpática, gosta de falar comigo, respeitar, falar com outra pessoa.

Sujeito 28 – um melhor amigo é quando eu não souber alguma coisa, eu pedir e ele ajuda, é com ele que estou sempre.

Sujeito 29 – amigos tenho poucos, fora da cercitop tenho poucos. Aqui tenho muitos. Ele é meu primo, já o conheço há muito tempo. Chato não é, falamos muitas coisas, guarda segredos.

Sujeito 30 – eu e a Filipa somos muito iguais, gostamos muito de rir, de conversar, de meter uma com a outra. Porque quando eu estou triste ela alegra-me e eu faço o mesmo. Um melhor amigo é diferente de um amigo, por exemplo, eu e a Filipa fazemos trinta por uma linha para ficarmos juntas.

Sujeito 31 – brincar às vezes com ela, ajuda-me, falamos um com o outro, contamos segredos, contamos muitas coisas um ao outro.

Sujeito 32 – é aquela pessoa que nos pode ajudar nos bons e maus momentos, na alegria e nas tristezas, quando temos algum problema nos ajuda.

Sujeito 33 – ele é da jardinagem, eu trabalho com ele, faz peças comigo, joga e brinca comigo, conversamos muito, divertimo-nos.

5. Tens um melhor amigo? (ou aquele com que mais te relacionas?)

Sujeito 1 – Tenho. A Marina.

Sujeito 2 – Sim, o Fred.

Sujeito 3 – O Carlos e o André.

Sujeito 4 – O Hugo.

Sujeito 5 – Tenho. A Anabela (com quem falo mais, melhor amigo não tenho por acaso).

Sujeito 6 – A Samara.

Sujeito 7 – Tenho. A Cleida.

Sujeito 8 – Com a Kelline falamos. Tou a tentar ter uma amizade com ela. Rimos, falamos.

Sujeito 9 – Tenho mas não é de cá, ele é de Cabo Verde, é o Bruno.

Sujeito 10 – A Rosangela.

Sujeito 11 – Conheço o Kiki há anos.

Sujeito 12 – É aquele rapaz, o Luís.

Sujeito 13 – Tenho um amigo que mora em Palmela, o Nuno.

Sujeito 14 – Sim, o Simão e o Artur. Eles são irmãos.

Sujeito 15 – Sim, é lá do colégio. É o João.

Sujeito 16 – É a Liliana.

Sujeito 17 – É o Tiago.

Sujeito 18 – O Amadeu.

Sujeito 19 – (os meus pais; é Deus); tenho, é o João.

Sujeito 20 – Tenho uma melhor amiga, é a Raquel.

Sujeito 21 – o Marco.

Sujeito 22 – Aires.

Sujeito 23 – André.

Sujeito 24 – Sandra.

Sujeito 25 – Tiago.

Sujeito 26 – Tiago.

Sujeito 27 – Sofia

Sujeito 28 – Bruno

Sujeito 29 – Filipe
Sujeito 30 – Filipa
Sujeito 31 – Cátia
Sujeito 32 – Fátima
Sujeito 33 – Amadeu.

6. Como/onde conhecestes o teu melhor amigo?
Sujeito 1 – Conheci através da internet, há uns anos atrás e agora falamos muito. Às vezes estamos juntos porque ela também não mora ao pé de mim, mora em Santarém. Então quando ela vem a Lisboa, eu também vou para estarmos mais tempo juntos. Sujeito 2 – Foi já quando éramos pequenos, há bastante tempo. Sujeito 3 – Os meus amigos estão melhores porque eu conheço há 14 ou 15 anos. Sujeito 4 – Conheci-o no Zazzo. Sujeito 5 – Conheci-o aqui na escola, é de outra área, engenharia. Sujeito 6 – Na escola. Sujeito 7 – Na escola, há já muito tempo. Sujeito 8 – Aqui na escola. Sujeito 9 – Eu sou de Cabo Verde, conheci-o lá. Sujeito 10 – No fórum. Já a conhecia de Lisboa. Sujeito 11 – Na escola, éramos da mesma área. Sujeito 12 – Na escola. Sujeito 13 – Em Palmela. Sujeito 14 – O meu pai conhecia a mãe deles que morava perto da tasca. A mãe e o pai trabalhavam com o meu pai. A minha mãe também conhece a ela. Um é de Janeiro, outro é de Outubro. O Simão é afilhado do meu pai. Sujeito 15 – Éramos do mesmo colégio. Sujeito 16 – Já a conhecia da outra escola. Sujeito 17 – Aqui na escola. Sujeito 18 – Eu estava em Queluz e depois vim para Sintra e conheci-o aqui na escola. Sujeito 19 – foi falando com ele. Comecei a falar por interesse e a partir daí conheci-o mais, conheci-o melhor, falamos e até hoje temos sido amigos. Sujeito 20 – Já a conhecia no CCD em Mira Sintra, foi lá que a conheci já há muito tempo. Tirou o mesmo curso que eu, lavandaria, e começámos a ser amigas. No princípio não falávamos muito, com o tempo fomos falando. Conte os problemas que tinha e ela foi-me ajudando. Sujeito 21 – aqui na escola. Sujeito 22 – conheci-o na escola já há muito tempo.

Sujeito 23 – comecei a ser amigo dele quando vim para cá, gostei dele ao início e tem gostos parecidos aos meus.

Sujeito 24 – conheci em Lourel. Não falávamos muito uma com a outra não, começámos a falar no refeitório porque sentamos uma ao lado da outra.

Sujeito 25 – na escola. Quando entrei aqui não conhecia ninguém cá, comecei a chorar e não queria vir cá, ele apresentou-me às pessoas.

Sujeito 26 – eu conheci...eu estava noutra escola antiga, entrei para aqui depois dele. Fui conhecendo, foi naquela sala.

Sujeito 27 – conheço desde o CAO de Queluz, ela mora na mesma zona que eu.

Sujeito 28 – foi no colégio interno, foi na escola. Fui eu que comecei a falar com ele, começou com brincadeiras, jogos, estávamos no mesmo quarto e à noite falávamos.

Sujeito 29 – ele é meu primo, é mais novo que eu.

Sujeito 30 – conheci-a aqui. Eu cheguei primeiro. Começámos a ser amigas...havia dois CAO's, o de Queluz e o de Sintra. Eu fiquei no CAO dela, de Sintra e este ano está a nascer uma grande "amabilidade" entre nós. No ano passado habituei-me bem ao CAO e este ano estou-me a dar muito bem com ela.

Sujeito 31 – já a conhecia antes.

Sujeito 32 – conheci-a no rock in rio. Estava em Lisboa na casa dos meus tios. Ela estava a passar por mim e deixou cair o telemóvel no chão, peguei no telemóvel e comecei a correr atrás dela, quando dei conta ela já estava na saída. Tentei ver no telemóvel o nome dela. Chamei-a pelo nome e ela ouviu, disse-lhe que ela tinha deixado cair o telemóvel e depois perguntei-lhe se podia conhecê-la e a partir daí começámos a falar.

Sujeito 33 – o Amadeu esteve cá e quando eu vim, conheci-o.

7. Quais são as características que tens em comum com esse teu amigo?

Sujeito 1 – Damos nos bem, nunca tivemos zanga nenhuma, sempre que a gente fala concordamos com as coisas um do outro.

Sujeito 2 – As pessoas perguntarem se nós éramos irmãos. E eu dizia que não. Éramos muito parecidos mas não fazíamos as coisas iguais. Ouvíamos as mesmas músicas.

Sujeito 3 – Sou parecido com eles, gostamos das mesmas coisas.

Sujeito 4 – A amizade só. Não gostamos das mesmas coisas.

Sujeito 5 – Ela é muito brincalhona, ela leva o trabalho como se fosse uma brincadeira para passarmos melhor o tempo. Eu já levo o trabalho a sério, quando tenho uma coisa para fazer têm que sair perfeitas porque se não saírem perfeitas, para mim não é trabalho.

Sujeito 6 – Somos amigos. Temos amizade. Eu gosto de bacalhau, ela também gosta. Ela guarda segredo porque também já guardei. Gostamos das mesmas músicas.

Sujeito 7 – Quando ela chegou aqui, ela era um pouco diferente das outras meninas. A ela posso contar tudo. Não é que as outras meninas não sejam minhas amigas mas a Cleida é diferente.

Sujeito 8 – Acho que os gostos não tenho parecidos, ainda não sabemos o que temos iguais. Trabalhamos tudo diferente, andamos sempre na conversa e à batatada.

Sujeito 9 – Falamos sobre segredos, sobre namorados, essas coisas.

Sujeito 10 – Passear, escutar música, falamos muito ao telemóvel, vou para casa dela, durmo lá, ela também dorme na minha casa.

Sujeito 11 – Não temos nada parecido, ele é preto e eu sou branco. Mesmo de personalidade não temos nada de parecido. Fiquei amigo dele por causa da deficiência dele. Eu o vi crescer desde pequenino, eu ajudei-o sempre por causa da deficiência. Ele ajuda-me a mim e eu ajudo a ele.

Sujeito 12 – O cabelo.

Sujeito 13 – (não respondeu)

Sujeito 14 – Às vezes chamo-o de primo. Damo-nos bem, brincamos, às vezes jogamos à bola.

Sujeito 15 – Gostamos dos mesmos jogos. Ele é divertido, gosto de estar com ele.

Sujeito 16 – Gostamos os dois de rir, de brincar.

Sujeito 17 – Quando ele entrou na escola eu já gostava dele, porque ele era simpático, bonito, brincalhão, tem a minha idade. E tem um defeito, é ser leão (Sporting).

Sujeito 18 – A idade, a gente gosta os dois de dançar, de divertir, de falar e as vezes a ralar um com o outro. Eu tenho um feitio diferente do dele.

Sujeito 19 – gostamos das mesmas músicas, nos jogos, nos passeios, de filmes nem tanto. O interesse começou por causa do telemóvel dele, era um telemóvel bom.

Sujeito 20 – Às vezes estarmos em casa, as músicas.

Sujeito 21 – gosto muito que o Marco goste de mim, fala comigo, gostamos das mesmas coisas, gosto de fazer tudo com ele, gostamos de jogar à bola, de ler e fazer peças. Somos muito amigos um do outro.

Sujeito 22 – ele é bonito, chamou-me à atenção.

Sujeito 23 – gostamos de conversar.

Sujeito 24 – somos iguais, gostamos das mesmas músicas, gostamos de dançar as duas uma com a outra.

Sujeito 25 – pelo menos os olhos, o cabelo. Gostamos de ir ao banco alimentar, jogar à bola.

Sujeito 26 – é a cara toda. Temos gostos diferentes.

Sujeito 27 – apanhamos o comboio os dois, vimos a pé, gostamos de fazer em conjunto jogos, peças, trabalho de fim-de-semana, gostamos de divertir, brincamos.

Sujeito 28 – temos gostos diferentes na música, nos trabalhos.

Sujeito 29 – quase todos os gostos iguais, mais ou menos, relacionado com o “intertamento” (jogos), as bicicletas são quase parecidas.

Sujeito 30 – somos muito brincalhonas, muito sensível, ambos temos um cãozinho. Gostamos das

mesmas músicas e programas de televisão.

Sujeito 31 – somos amigos, as músicas que eu gosto, ela não gosta. É a única pessoa com quem brinco.

Sujeito 32 – era uma pessoa muito simpática. Tem o mesmo género de música que eu, gostamos de dançar nas discotecas.

Sujeito 33 – eu gosto das coisas e o Amadeu também gosta das coisas, de apanhadas, de dançar.

8. Quais são os factores que facilitam a construção de uma amizade?

Sujeito 1 – Nunca haver problemas entre um e outro. Nunca falarem as coisas assim de maneira que possa magoar a outra pessoa ou a outra pessoa que possa magoar. Coisas assim do género.

Sujeito 2 – Foi por eu aparecer lá na rua e de começar a falar.

Sujeito 3 – No passado eu encontrei o amigo porque eu sempre falo com o meu amigo.

Sujeito 4 – Ele conhecer-te, irem falando.

Sujeito 5 – Quando uma pessoa está a fazer a mesma coisa, está a viver bons momentos, os maus momentos, quando uma pessoa está doente, a outra também está. Quando a outra está bem, a outra também está bem. Cada momento passamos iguais.

Sujeito 6 – Ser amigos de todos, dar-nos bem com todos. Não andarmos à guerra. Não nos batermos. Gostar muito dos outros, ser amigo, compreender os defeitos que ele tem. Mesmo que ele tenha problemas, devemos ajudá-lo como a Suzete, ela tem problemas e eu ajudo.

Sujeito 7 – Deve ser amigável com ele, ser simpático, ter mais carinho por ele.

Sujeito 8 – É ter confiança, dar-nos bem, sermos amigos.

Sujeito 9 – Ser verdadeiro, falar com a gente e é isso.

Sujeito 10 – A amizade é muito boa. Desabafar com os meus amigos. Quando estou muito nervosa, ela me acalma e eu fico mais calma. Conversa, dá muito conselho.

Sujeito 11 – Ter confiança, ter amizade.

Sujeito 12 – Falar com ele, falar nas calmas, não dizer parvoíces.

Sujeito 13 – Ser amigo, ajudar, comprar comida, roupa. Uma pessoa não gosta de estar sozinha então vou ter com ele.

Sujeito 14 – Ir falando com as pessoas para chegar a um consenso na relação amigo e amiga. Ter amizade. Ter sentimento por ele.

Sujeito 15 – Estar com a pessoa que a gente vai conhecer e com carinho falar. Começámos a falar se a gente fazia...jogar à bola, fazer desenhos ou escrevíamos coisas da escola.

Sujeito 16 – Dar os números de telefone uns aos outros, ligar para ela e começámos a conversar.

Sujeito 17 – ir conversando, estar com ele.

Sujeito 18 – falamos de muitas coisas, e eu disse “Olha Amadeu ficamos amigos? É melhor para todos”. De vez em quando ele convidou-me e fui sair com ele.

Sujeito 19 – Saber os defeitos, o que tem de bom e de mau, saber se posso confiar nele, ir falando com ele, saber a reacção dele. Sujeito 20 – outra pessoa apresenta para depois começar a ter amizade com ela. Depois dentro do grupo apresenta a pessoa a mim e aos poucos posso ir criando amizade com ela. Sujeito 21 – gostar dele, falar com ele, ser amigo Sujeito 22 – não tratá-la mal, não responder mal, ter carinho por ela, começamos por falar de namorados e namoradas. Sujeito 23 – tratar bem, fazer tudo o que eles dizem, começo a conversar com eles. Sujeito 24 – gostar dos colegas, dar abraços e festinhas. Sujeito 25 – ter amizade, falar com ele para não deixá-lo triste, ajudar os amigos, arrumar as cadeiras (de rodas), levar para o refeitório, fazer a higiene. Sujeito 26 – é ir conhecendo, trabalhar, falar com eles da minha turma. Sujeito 27 – dizer bom dia em primeiro lugar e depois conversar, começa-se a falar com ele. Sujeito 28 – é gostar dele e saber como essa pessoa é, se é boa, se é má. Sujeito 29 – é perguntar a ele se quer ser meu amigo, falamos, vamos divertir. Sujeito 30 – em primeiro lugar, quando uma pessoa é nova, é preciso alguém dar o primeiro passo. Geralmente não faço muita descrição, quando as pessoas são novas, vou lá ter com eles, meto conversa. Sujeito 31 – ajudar um ao outro. Sujeito 32 – terem confiança, ter simpatia, um pelo outro. Quando eu conto um segredo a ela, ela não vai contar. Sujeito 33 – precisa dar carinho, falamos um com o outro, estar com ele.
--

9. Quais são os factores que impedem a construção de uma amizade?
Sujeito 1 – Não falarmos, estar mais tempo sem nos falar, pode começar a criar problemas numa amizade. Haver pessoas de fora que venham falar mal da gente a essa pessoa e ela acreditar que isso aí é verdade. Coisas assim desse género. Sujeito 2 – Quando se é mau é porque não se gosta muito do amigo. Sujeito 3 – (não respondeu) Sujeito 4 – Zangar-se ou meter-se alguém no meio. Inventar coisas. Sujeito 5 – É quando uma pessoa já tem uma vida diferente da minha, porque acha que é superior a mim, aí já gosto mais de estar no meu cantinho sem tocar em nada nem sequer trocar uma palavra. Sujeito 6 – Não sei. Sujeito 7 – Por exemplo “eu não te quero aqui”. Sujeito 8 – A desconfiança, intrigas criadas pelos amigos e pelas pessoas que estão de fora. Sujeito 9 – Responder mal com a gente.

Sujeito 10 – Não confiar na pessoa, ser muito mau. Aí eu não gosto quando a pessoa me trata mal e grita comigo.

Sujeito 11 – Mentiras e confusões.

Sujeito 12 – Dar porrada.

Sujeito 13 – Uma pessoa bater nos amigos, é chato.

Sujeito 14 – Estarem a chatear-se, zangarem-se.

Sujeito 15 – não ser amigos, não ter amizade com eles, não sabermos o que vamos gostar deles.

Sujeito 16 – Quando não gostamos dessa pessoa.

Sujeito 17 – Quando uma pessoa se zanga com outra pessoa, já não é amiga. Foi o que aconteceu comigo, mas não foi com o Tiago.

Sujeito 18 – não fala com a pessoa, às vezes não falam e viram as costas.

Sujeito 19 – não ajudar, não tentar resolver os problemas, deixá-lo sozinho, não poder fazer nada para o ajudar.

Sujeito 20 – se alguém falar mal de outra pessoa, vou saber se é verdade para depois tirar as minhas próprias conclusões mas se for verdade, continuo a falar mas já não confio tanto.

Sujeito 21 – porque não gostamos deles. Não gostam de nós, portarem-se mal, quando fazem as coisas mal feitas.

Sujeito 22 – são inimigos, porque se zangam uma com a outra.

Sujeito 23 – quando a gente batemos, a gente fazemos coisas que eles não gostam. Por exemplo, o Hugo tirou-me os óculos e eu não gosto dele, não gosto que mexam nas minhas coisas. As vezes fazem coisas que eu não gosto, quando eles não trabalham.

Sujeito 24 – quando não gostam uma da outra, não conversam.

Sujeito 25 – quando estão zangados, estou sempre a zangar-me com o Hugo porque não me deixam fazer nada. Por não ser amigo de outra pessoa.

Sujeito 26 – porque se portam mal com a gente, põem de castigo.

Sujeito 27 – sermos maus uns com os outros, não gostam um do outro, quando não são amigos, às vezes ter discussões entre eles, quando uma pessoa se mete é mais difícil de resolver.

Sujeito 28 – quando uma começa a discutir com outra, entram em pancadaria por causa de confusões, roubos, por serem egoístas.

Sujeito 29 – ficam zangados, um quer dinheiro e o outro não dá, não quer emprestar.

Sujeito 30 – às vezes acontece porque não gosto do feitio dela e ela não gosta do meu.

Sujeito 31 – não ajudam uns aos outros, as pessoas ajudam, as más não.

Sujeito 32 – traição, contar um segredo que não era para contar. Conheço casos de que os amigos vão se meter com os inimigos do outro amigo.

Sujeito 33 – é porque se chateiam. Se ficamos chateados, ficamos sem amigos. Temos que dar abraços, beijinhos para ficar amigos outra vez.

10. Já tiveram algum problema? Se sim, como o resolveram?
Sujeito 1 – Não nunca. Sujeito 2 – Não, estivemos sempre bem. Sujeito 3 – Nunca. Sujeito 4 – Não, nunca houve. Sujeito 5 – Uma vez, na altura eu não estava nas limpezas, estava a passar ferro e nessa altura ela estava a passar também, só que ela sentia-se superior que a mim então é mais por aí que a gente se dava mal. Sujeito 6 – Nunca. Sujeito 7 – Quase sempre. Depois da discussão, nós sempre conversamos, falamos uma com a outra. Nós discutimos muito porque eu não gosto que ela entre na minha sala e comece a fazer aquelas figurinhas. Quando sou eu a fazer na sala dela, diz-me que sou criança mas depois se é ela que faz e eu lhe digo para parar, ela já não gosta. Sujeito 8 – Às vezes, andamos sempre a discutir mas depois as coisas ficam bem. Eu faço alguma coisa mal e ela fala comigo e discutimos. Mas depois o momento passa e já começa a rir, a fazer cócegas e já está tudo bem. Às vezes sou um bocado...fico chateada mas depois passa e depois ficámos outra vez normal. Sujeito 9 – Não, nunca. Sujeito 10 – Não. Sujeito 11 – Nunca. Desde que a gente se conhece nunca houve. Sujeito 12 – Costumamos mandar bocas um ao outro mas é tudo na brincadeira. Sujeito 13 – Nunca houve problemas. Sujeito 14 – Não, nunca houve problemas. Sujeito 15 – Nunca houve problemas. Sujeito 16 – Não. Sujeito 17 – Não, ainda não. Sujeito 18 – sim, já nos chateámos, já. Resolvemos a falar, primeiro falei com a Rita e depois falei com ele. Sujeito 19 – sim, tentamos resolver as coisas e tentamos chegar a um acordo. Sujeito 20 – por enquanto não. Sujeito 21 – não houve problemas. Sujeito 22 – eu com ele tive alguns problemas porque houve uma vez que ele estava a mexer na minha perna e eu não gostei. Falei com as monitoras e ele parou. Sujeito 23 – nunca houve. Sujeito 24 – não. Sujeito 25 – não. Sujeito 26 – não, tivemos sempre bem.

Sujeito 27 – não

Sujeito 28 – já, por causa de uma bicicleta. Ele tinha a bicicleta estragada, eu estava a arranjar a minha e ele queria que eu arranjasse a dele primeiro mas eu não fiz isso. Depois de arranjar a minha, arranjei a dele.

Sujeito 29 – de vez em quando zangamo-nos, mas passa rápido. Ele pede desculpa e ficamos bem.

Sujeito 30 – discutimos por vezes mas nada de sério porque depois começamos a rir e fica tudo bem.

Sujeito 31 – algumas, por causa das mensagens que mandamos, ela não quer que eu ande com pessoas piores que eu, que fazem mal às pessoas.

Sujeito 32 – nunca tivemos discussão nenhuma.

Sujeito 33 – nós somos mesmo amigos, não nos chateamos.

11. O que a amizade trouxe de positivo para o teu dia-a-dia?

Sujeito 1 – Tenho mais conhecimento da vida. A minha amizade com ela é como se fosse um relacionamento como namorados. Se calhar com ela desabafo mais do que era capaz de conversar com uma namorada que tivesse. Quando eu tive problemas com um namoro grande que eu tive, ela é que me ajudou a ultrapassar e na altura não estava capaz de ouvir ninguém. Ela é que me ajudou a levantar a moral.

Sujeito 2 – Estamos sempre na rua a jogar à bola, um contra o outro. Ele é mais calmo, na antiga escola estavam a dar sempre porrada, andava sempre a correr. Ajudou a fugir deles.

Sujeito 3 – (não respondeu).

Sujeito 4 – Nós conhecemos quando éramos pequenos. Ajudou muito. Fazemos tudo juntos. Praticamente fazemos tudo juntos. Às vezes quando vou a algum lado, vou lá antes (ao Zazzo ter com eles).

Sujeito 5 – Ela é muito meiguinha, foi uma pessoa que me ensinou a passar a ferro, a trabalhar com ferros a vapor. Ofereceu-me uma camisola, não aceito nada de ninguém mas dela sim. Estou sempre a pensar nela, quando a vejo agarro-me aos beijos a ela.

Sujeito 6 – Eu por acaso conto anedotas e ela está sempre a rir. Está sempre na brincadeira. Comecei-me a divertir mais. A amizade...quando a conheci não era amiga dela, agora já sou, quando vim para a cercisa. Estava um pouco afastada mas agora já me dou bem com ela.

Sujeito 7 – Por exemplo, a Cleida é simpática e posso fazer...conta-me tudo o que tenho no coração, coisas lá de casa, ela ajuda-me.

Sujeito 8 – Quando estava na antiga escola, eu era mais tímida, mais fechada, não falava assim muito mas depois de vir cá para dentro e fazer amizades, já me ri, já começo a falar.

Sujeito 9 – Não sei.

Sujeito 10 – É bom. Ela me ajuda muito em todas as situações.

Sujeito 11 – Muita coisa. Às vezes ele convida-me para ir a casa dele e eu convido-o. Antes de vir para

aqui não tinha amigos. Quando vim para a escola, comecei a ter amigos. Na antiga escola, tinha sempre muitas confusões.

Sujeito 12 – Não sei. Ajudou-me quando entrei para cá, como se fazia as coisas e agora já sei.

Sujeito 13 – Foi bom, ajudei-lhe.

Sujeito 14 – É um amigo...faz sempre jeito para conversar para os maus momentos, falar sobre a escola dele.

Sujeito 15 – Ele ajuda-me (lá no colégio) a fazer os trabalhos de escola, a pôr a mesa, ajuda-me a arrumar a sala, a jogar à apanhada, ao jogo da mata, à macaca e também jogo ao dominó.

Sujeito 16 – Comecei a rir, deu-me uma prenda de anos.

Sujeito 17 – Melhorou muito, em tudo. Fiquei mais contente, fiquei melhor, fiquei mais divertida e mais vaidosa.

Sujeito 18 – ajudou-me a perceber umas coisas. Ele falou comigo com calma e eu não queria perceber. Ajudou-me a perceber que há pessoas que me podem ajudar como a Rita. Ajudou a abrir os olhos, a perceber como eram os meus amigos...eram maus.

Sujeito 19 – boas recordações, saber que posso sempre contar com ele para qualquer coisa, ele está lá, nunca esqueço do amigo.

Sujeito 20 – ajudou-me em muitas coisas, quando tinha lá crises às vezes era ela que me ajudava e as minhas outras colegas ficavam a ver. Era ela que me ajudava mais, também nos transportes, depois disso comecei a ter mais amizade com ela.

Sujeito 21 – fiquei melhor quando conheci o Marco. Ficou diferente, vim para esta escola que não conhecia, tive mais tempo com ele.

Sujeito 22 – melhorou a minha vida, quando o vejo fico muito contente, canto músicas. Significa um amigo como um namorado.

Sujeito 23 – gostei muito dele, tenho um amigo, sinto-me mais contente.

Sujeito 24 – ajudou a escrever coisas no CAO de Lourel, nomes de pessoas, objectos, animais, ajudou a estender as toalhas, fiquei muito contente.

Sujeito 25 – gosto de estar com ele, de falar com ele, trabalhar junto, passear com ele, fui eu que lhe ensinei algumas coisas, aprendi com ele também.

Sujeito 26 – gosto dele, começou a brincar comigo ao futebol, brincamos às brincadeiras lá fora na rua.

Sujeito 27 – fiquei melhor, ele está mais próximo de mim. Conhecemo-nos bem um ao outro, estamos sempre juntos, vamos para casa juntos, confio mais na Sofia.

Sujeito 28 – os momentos que a gente andámos juntos no colégio, bons e maus, às vezes também discutíamos muito mas nada de sério. Ele ajuda-me, eu também ajudo-lhe, mesmo quando acontece alguma coisa a ele, eu estou lá para o ajudar.

Sujeito 29 – fiquei melhor, mais bem-disposto, tive mais confiança para falar.

Sujeito 30 – muita estabilidade no CAO, porque eu não gostava de cá estar, não me sentia bem e

também não gostava muito das pessoas, para dizer a verdade. É uma das pessoas mais importantes que tenho aqui.

Sujeito 31 – fiquei mais contente, para mim ela é boa pessoa, para as coisas que eu preciso ela ajuda-me.

Sujeito 32 – estou mais bem-disposto. Antes de a conhecer, não falava com ninguém, não falava com as pessoas, ela ajuda-me bastante, sou mais simpático para as pessoas. Tenho uma amiga especial.

Sujeito 33 – ele fez me feliz, também me fez contente. Ele ajuda-me.

ANEXO H

Tratamento das respostas dos sujeitos (Análise de Conteúdo)

Tema: Conceito de Amigo (Pergunta 1)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos Sujeitos	N
Actividades	Lazer	Suj.12, suj.15, suj.16, suj.17, suj.23 (refere 2x), suj.25 (refere 2x), suj.27, suj.28, suj.33 (refere 2x).	12
	Trabalho	Suj.26 (refere 3x), suj.33.	4
Suporte de um Amigo	Ajuda	Suj.3, suj.5, suj.6, suj.7 (refere 2x), suj.12, suj.13, suj.19 (refere 2x), suj.20, suj.28 (refere 2x), suj.29, suj.31, suj.32.	15
	Companhia	Suj.4, suj.9, suj.11, suj.16, suj.17, suj.20 (refere 2x), suj.28, suj.30.	9
	Troca de Afectos	Suj.10, suj.16, suj.18, suj.21, suj.22, suj.24, suj.30.	7
	Desabafar	Suj.1 (refere 2x), suj.8, suj.12, suj.14, suj.15, suj.16, suj.17, suj.18, suj.21, suj.25, suj.27.	11
	Ser de Confiança	Suj.8, suj.11.	2
Apreciação de um Amigo	-	Suj.14, suj.21, suj.22, suj.24, suj.27.	5

Tema: Conceito de Melhor Amigo (Pergunta 4)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos Sujeitos	N
Actividades	Lazer	Suj.11, suj.14 (refere 2x), suj.17, suj.23, suj.25, suj.31, suj.33.	8
	Trabalho	Suj.22, suj.23, suj.24, suj.33.	5
Suporte de um Amigo	Ajuda	Suj.5, suj.6, suj.11, suj.25, suj.28, suj.30, suj.31, suj.32.	8
	Companhia	Suj.17, suj.19, suj.22, suj.28, suj.30.	5
	Desabafar	Suj.8, suj.14, suj.25, suj.27 (refere 2x), suj.29, suj.30, suj.31, suj.33.	9
	Ser de Confiança	Suj.1, suj.7, suj.8, suj.15, suj.18, suj.29, suj.31.	7
Duração da Amizade	-	Suj.1, suj.4, suj.29.	3
Apreciação de um Amigo	-	Suj.15, suj.21, suj.22 (refere 2x), suj.23, suj.24 (refere 2x), suj.30, suj.33.	9
Igual a um Amigo	-	Suj.12, suj.20, suj.26.	3

Tema: Compatibilidade com o Amigo (Pergunta 7)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos Sujeitos	N
Sim	Actividades de Lazer	Suj.2, suj.6, suj.10, suj.15, suj.16, suj.18, suj.19, suj.20, suj.21, suj.24 (refere 2x), suj.25, suj.27 (refere 2x), suj.29, suj.30, suj.31, suj.32 (refere 2x), suj.33.	20
	Trabalho	Suj.21, suj.25, suj.27.	3
	Características Físicas	Suj.2, suj.3, suj.12, suj.17 (refere 2x), suj.18, suj.22, suj.25, suj.26.	9
	Características Pessoais	Suj.5, suj.7, suj.15, suj.17, suj.30, suj.32.	6
	Relacionamento	Suj.1, suj.4, suj.6, suj.14, suj.15, suj.21 (refere 2x), suj.31.	8
	Ser de Confiança	Suj.6, suj.7, suj.8, suj.9, suj.10, suj.18, suj.21, suj.23.	8
Não	-	Suj.4, suj.5, suj.8, suj.11, suj.13, suj.26, suj.28, suj.31.	8

Tema: Factores de Iniciação de uma Amizade (Pergunta 8)		
Categorias	Respostas dos Sujeitos	N
Estabelecer um diálogo	Suj.2, suj.3, suj.4, suj.9, suj.10 (refere 2x), suj.12, suj.14, suj.15, suj.16, suj.17, suj.18, suj.19, suj.21, suj.22, suj.23, suj.25, suj.26, suj.27, suj.29, suj.30, suj.33.	22
Dar auxílio	Suj.6, suj.10, suj.13, suj.25, suj.31.	5
Ser amigo	Suj.1, suj.6, suj.7, suj.8, suj.11, suj.13, suj.14, suj.21, suj.22, suj.23, suj.24, suj.25, suj.28, suj.32, suj.33.	15
Ser tolerante	Suj.6, suj.19, suj.30.	3
Por intermédio de terceiros	Suj.20, suj.30.	2
Fazer companhia	Suj.5, suj.13, suj.15, suj.17, suj.18, suj.33.	6

Tema: Factores que impedem a construção de uma amizade (Pergunta 9)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos sujeitos	N
Diálogo	Ausência	Suj.1, suj.9, suj.18, suj.19, suj.24, suj.33.	6
	Zangas	Suj.4, suj.11, suj.14, suj.17, suj.22, suj.25, suj.27, suj.28, suj.29, suj.33.	10
Intromissão de Terceiros	-	Suj.1, suj.4, suj.8, suj.20, suj.27.	5
Agressão	Física	Suj.10, suj.12, suj.13, suj.23, suj.27, suj.28.	6
	Verbal	Suj.5, suj.10, suj.26.	3
Não ajudam no dia-a-dia	-	Suj.19, suj.31.	2
Não gostam um do outro	-	Suj.2, suj.15, suj.16, suj.17, suj.21, suj.24, suj.25, suj.27, suj.30.	9
Desconfiança	-	Suj.8, suj.10, suj.20, suj.32.	4

Tema: Existência e Resolução de Conflitos (Pergunta 10)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos Sujeitos	N
Sim	Pedir ajuda a terceiros	Suj.18, suj.22.	2
	Conversar	Suj.7, suj.18, suj.19, suj.29.	4
	Passar com o tempo	Suj.8, suj.30.	2
Não	-	Suj.1, suj.2, suj.3, suj.4, suj.6, suj.9, suj.10, suj.11, suj.12, suj.13, suj.14, suj.15, suj.16, suj.17, suj.20, suj.21, suj.23, suj.24, suj.25, suj.26, suj.27, suj.32, suj.33.	23

Tema: Importância da Amizade (Pergunta 2)			
Categorias	Subcategorias	Respostas dos Sujeitos	N
Actividades	Lazer	Suj.1, suj.9, suj.12, suj.17, suj.23, suj.30.	6
	Trabalho	Suj.26.	1
Sentido de Ajuda	-	Suj.2, suj.6, suj.19, suj.20, suj.32.	5
Companhia	-	Suj.7, suj.16, suj.26, suj.28, suj.30, suj.31, suj.33.	7
Conversar	-	Suj.8, suj.9 (refere 2x), suj.14 (refere 2x), suj.22, suj.32.	7
Apreciação do Amigo	-	Suj.18, suj.21, suj.22, suj.23, suj.24, suj.25, suj.27.	7
Confiança	-	Suj.19 (refere 2x), suj.28.	3
Ser da Família	-	Suj.4.	1

Tema: Apreciação da Relação com o Amigo (Pergunta 11)		
Categorias	Respostas dos Sujeitos	N
Partilha de Experiências	Suj.1, suj.5, suj.12, suj.25.	4
Assistência	Suj.2, suj.4, suj.7, suj.10, suj.12, suj.13, suj.15, suj.18, suj.20, suj.28, suj.31, suj.32, suj.33.	13
Auto-estima positiva	Suj.1, suj.6, suj.8, suj.16, suj.17, suj.21, suj.22, suj.23, suj.24, suj.27, suj.29, suj.31, suj.32, suj.33.	14
Companhia	Suj.4, suj.11, suj.21, suj.25 (refere 2x), suj.27 (refere 2x).	7
Relação mais íntima	Suj.1, suj.22.	2
Confiança	Suj.7, suj.14, suj.19.	3